

LARA TEIXEIRA BERNARDES

ENTRELINHAS: UM PODCAST SOBRE MULHERES NO MUNDO DO FUTEBOL

Viçosa - MG

Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV

2023

LARA TEIXEIRA BERNARDES

ENTRELINHAS: UM PODCAST SOBRE MULHERES NO MUNDO DO FUTEBOL

Projeto experimental apresentado ao curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social

Orientação: Ricardo Duarte Gomes da Silva

Viçosa - MG
Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV
2023

AGRADECIMENTOS

A etapa da graduação, com certeza, foi a mais impactante que tive até hoje. Uma fase da vida em que mudei muito quem sou, em que me descobri como pessoa, como filha, como cidadã e como mulher. Cresci e evoluí muito, aprendi mais do que pensei ser possível, chorei e me descabelei, mas aproveitei cada segundo.

Gostaria, primeiramente, de agradecer aos meus pais, João Célio e Mônica, que são meus alicerces e que trabalharam muito duro durante anos para que eu pudesse seguir meu sonho de estudar em uma universidade pública. Eles, que mesmo sabendo das incertezas e dificuldades da profissão que eu escolhi, nunca deixaram de me apoiar e de vibrar com as minhas conquistas. Meus pais me ensinaram a sempre lutar pelo que eu quero, a nunca desistir na primeira queda e a seguir firme, caminhando pelo meu propósito. É um privilégio ter vindo ao mundo para ser criada por pessoas tão fantásticas.

Aos meus tios, tias, primos e primas, que sempre demonstraram seu apoio e entusiasmo com o que eu fazia. Jamais me esquecerei de todas as presenças nas lives do “Na Área”, que sempre me fizeram sentir querida e amada. Um agradecimento especial para minha tia Izabel, que me levava e buscava das excursões, e até fazia o caminho até Viçosa comigo e minhas tralhas.

As minhas queridas avós, que são os amores da minha vida. Dona Henriqueta e Dona Maria, duas mulheres guerreiras e fortes, que criaram suas famílias com muita luta e hoje veem que todo esforço valeu a pena. As duas, que foram essenciais para minha criação, que cuidaram de mim desde sempre, para que meus pais pudessem ir trabalhar, e que também me mimaram muito, não posso negar.

Aos amigos que fiz em Viçosa, jamais poderei retribuir todo carinho e acolhimento que recebi em todos esses anos. Dentro da sala da Intermídia, do estúdio da Rádio Universitária gravando o Na Área, e das reuniões intermináveis e jogos da Atlético das Humanas, conheci pessoas maravilhosas, que me ensinaram muito e que foram muito especiais durante a vida universitária. Em especial, preciso agradecer à Alícia por sempre ter sido minha metade, por ter me apoiado nos momentos que mais precisei e por não ter passado a mão na minha cabeça quando

cometi erros. Ao Caio e a Isabelle, meus calouros presentes, que desde que nos aproximamos, não houve pandemia que afastasse nosso carinho um pelo outro.

Aos amigos que ganhei aos 45 minutos do segundo tempo, durante meus 6 meses em Lleida. Jamais esquecerei os momentos mais incríveis que vivi ao lado de cada um do “Sisplau”, cada cerveja de um euro, cada rodízio de japa, das 3 horas infinitas dentro do trem regional, e todas as festas de reggaeton e música catalã. E claro, agradeço a amiga que me influenciou a viver toda essa experiência e sempre que me ajuda a colocar a cabeça no lugar, dona Anna Alvarenga. Los quiero muchísimo y los echo de menos todos los días.

Ao DCM, agradeço por esses anos de parceria e ensinamentos. Aos professores, meu muito obrigado por serem os porta-vozes deste mundo magnífico que é a comunicação e o jornalismo. Em especial, ao Professor Joaquim Lannes, que foi o primeiro a embarcar comigo na jornada de finalização do curso e que sempre foi uma inspiração, pois sempre estava ávido por conhecimento, e também ao Professor Ricardo Duarte, que recebeu meu trabalho e eu de braços abertos, que abraçou minha ideia e me guiou na construção deste TCC.

Por fim, agradeço a Deus por ter me dado força e resiliência para viver esses anos de UFV, por me permitir viver experiências inesquecíveis e por me presentear com pessoas magníficas. Sei que foi Ele quem me deu o dom de ser uma pessoa comunicativa, para que hoje eu possa ter certeza de que essa profissão é o meu lugar.

“A única maneira de fazer um bom trabalho é amando o que você faz”

Steve Jobs

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo mostrar as diferentes perspectivas das mulheres envolvidas no mundo do futebol, partindo das visões de jogadora, árbitra, jornalista e torcedora. O podcast, dividido em quatro episódios, conta as histórias de cinco mulheres que são apaixonadas por futebol e a relação delas com esse esporte tão masculinizado. As mulheres têm um histórico de impedimentos ao longo do tempo, o futebol não podiam jogar porque era contra a sua natureza, no jornalismo eram direcionadas à editorias que faziam alusão ao papel que elas deveriam empregar na sociedade, domésticas e femininas; na torcida eram objeto de manutenção do ego masculino e na arbitragem são penalizadas com mais veemência. Portanto, o produto tem como objetivo dar maior visibilidade para a presença feminina no meio futebolístico, trazendo à tona acontecimentos atuais e discussões do lugar da mulher dentro deste esporte.

PALAVRAS-CHAVE:

Presença feminina. Mundo do futebol. Podcast.

ABSTRACT

This project aims to showcase the different perspectives of women involved in the world of football, ranging from the views of players, referees, journalists, and fans. The podcast, divided into four episodes, tells the stories of five women who are passionate about football and their relationship with this sport that is so male-dominated. Women have a history of obstacles over time: they were not allowed to play football because it was deemed against their nature; in journalism, they were directed to editorial roles that alluded to the societal roles they should fulfill, such as domestic and feminine subjects; in the stands, they were objectified to maintain male ego, and in refereeing, they face harsher penalties. Thus, the goal of this product is to provide greater visibility to women's presence in the football industry, bringing to light current events and discussions about the role of women in this sport.

KEY-WORDS:

Female presence. Football world. Podcast.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
INTRODUÇÃO	10
1. REFERENCIAL TEÓRICO	15
3.1. Misoginia e padrões sociais de feminilidade	15
3.2. Preconceito de gênero no esporte	18
3.3. Visibilidade feminina nas mídias	20
3.4. O jornalismo feito em áudio e os podcasts	22
2. RELATÓRIO TÉCNICO	25
4.1. Pré-produção	25
4.1. Produção	27
4.3. Pós-produção	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	30
ANEXOS	34

APRESENTAÇÃO

Eu tenho a impressão de que os esportes sempre foram parte da minha vida, então não sei exatamente quando minha relação com eles começou. Me lembro do Flamengo sendo campeão brasileiro em 2009 e de como eu e meu pai vibramos assistindo à TV, talvez tenha sido dele mesmo que eu puxei essa veia esportiva. Tanto que também me recordo de quando ganhei minha primeira camisa rubro-negra, dada por um dos melhores amigos do meu pai, que é vascaíno, e de como eu a usei até não servir mais.

Como para a maioria dos brasileiros, meu amor pelos esportes começou pelo futebol, mas meu encanto vai muito além. Se dependesse de mim ficaria o dia inteiro assistindo às Olimpíadas e os mais diferentes esportes, mesmo que eu não saiba nenhuma regra sequer. Sempre fui uma criança ativa, amava dançar e nadar, aos nove anos participei da minha primeira competição de natação, não fiquei nas primeiras posições mas além da medalha de participação, meus pais fizeram uma medalha enorme com CDs velhos e papel dourado. Dez anos depois, participei novamente de um campeonato, dessa vez já estava no segundo ano de estudos na UFV e consegui uma medalha de prata junto com outras meninas no revezamento 4x100.

Apesar de amar e acompanhar futebol, só comecei a abrir meus olhos para a disparidade entre as competições feminina e masculina em 2019, com a transmissão da Copa do Mundo de Futebol Feminino, na França. Claro que já tinha conhecimento da desvalorização, mas com um evento tão grande acontecendo era impossível fechar os olhos para a realidade. A Copa de 2019 foi tida como a copa da visibilidade, já que foi amplamente divulgada pelas mídias e, realmente, entrou para o calendário das emissoras e redações. Além disso, foi a primeira edição da Copa Feminina a ser transmitida em TV aberta no Brasil.

Por esse motivo, no mesmo ano, durante a disciplina Laboratório de Radiojornalismo, eu e meu grupo decidimos produzir um ráiodocumentário intitulado “(In)visibilidade do futebol feminino na história e na mídia”. Neste trabalho buscamos fatos históricos que ainda refletem no momento atual da modalidade e que influenciaram diretamente na relação existente entre as mídias, os públicos e o futebol feminino. Foi um trabalho que nos exigiu muito esforço, mas que nos trouxe muita alegria e realização em fazer, e que foi muito recompensado ao ganharmos

um prêmio na modalidade Programa laboratorial de áudio no INTERCOM Sudeste 2020.

Ver seu trabalho ser reconhecido dessa maneira é uma das maiores alegrias que um estudante pode ter em seu período de graduação e eu, então, percebi que era esse o caminho que devia seguir dali em diante. Mesmo que já soubesse o quanto queria seguir com o jornalismo esportivo desde que entrei no curso, ainda existia uma insegurança já que é uma área predominantemente masculina e de difícil inserção das mulheres. Mas também aprendi com esse trabalho que eu quero mudar essa história, quero poder ser porta-voz de outras mulheres com o meu trabalho e, também, mostrar que lugar de mulher é onde ela quiser.

Quando comecei a pensar no meu Trabalho de Conclusão de Curso tinha plena certeza de que queria fazer algo dentro do audiovisual, mais precisamente um documentário. Apesar de adorar trabalhar com essa área, minha experiência é pouca e o TCC tem que ser coerente com minha trajetória de vida e de curso. Sempre fui apaixonada por contar histórias, acho que por isso amava tanto fazer teatro porque no palco eu não era eu, eu era a personagem e estava contando sua história. Dar voz a uma história nunca fez tanto sentido como faz com a construção deste trabalho, porque parece que, mesmo com todos os caminhos que segui dentro da graduação, eu sempre acabo voltando para o rádio.

Desde caloura participei do Na Área, um projeto feito para que os estudantes que sonham em ser jornalistas esportivos possam fazer na prática um programa de rádio ao vivo. Era desafiador e gostoso ao mesmo tempo, já que além de estar falando na Rádio Universitária em um horário de bastante audiência, estávamos em *live* no Facebook, o que possibilitava receber o apoio de amigos e família. Mesmo com a parada por causa da pandemia, poder ajudar na reestruturação do projeto e em trazê-lo de volta à vida depois do caos é um dos meus maiores orgulhos.

Unindo isso ao trabalho vencedor do INTERCOM, fica claro o sentido que devo trilhar para concluir meu curso. O rádio me abraçou desde que entrei para a COM UFV, e nada mais justo do que retribuir o afeto terminando minha estrada na graduação com uma produção radiofônica.

Dessa forma, irei construir um podcast que abordará a presença feminina em diferentes setores do mundo do futebol, com o objetivo de trazer luz e relevância ao papel exercido pelas mulheres neste ambiente tão predominado por homens. Neste memorial, trarei uma breve introdução sobre a história do futebol feminino no Brasil,

fazendo uma relação com a construção social que as mulheres são impostas desde muito novas.

Para o referencial teórico, me aprofundarei nessas questões, abordando como a misoginia faz com que as mulheres tenham de seguir padrões de feminilidade fechados e específicos, levando este tema para dentro da realidade dos esportes e o preconceito de gênero sofrido por elas. Também abordarei a presença feminina dentro das mídias, destacando a melhora ocorrida durante a Copa do Mundo Feminina de 2019, mas também a estagnação no que se diz respeito aos corpos femininos em visibilidade. Por fim, falarei sobre a criação de produções radiofônicas e os podcasts, que surgiram como uma nova maneira de se produzir e consumir produtos em áudio.

Logo após a contextualização temática estará o relatório técnico, que nada mais é do que a descrição do que foi feito em cada etapa do processo de criação do produto. Ao final do memorial, estão disponíveis os roteiros de cada um dos episódios.

Os episódios do Entrelinhas Podcast estarão disponíveis no Youtube e no Spotify.

INTRODUÇÃO

Falar que “o Brasil é o país do futebol” pode ser considerado um clichê. Ouvimos essa frase em músicas, em narrações de jogos, coberturas esportivas, ao lermos em livros e reportagens, mas até que ponto ela seria verdadeira? Mas o Brasil sempre foi considerado “o país do futebol” para as mulheres? Com toda certeza não foi, ou pelo menos, não foi completamente.

Até pouco tempo atrás era difícil conseguir assistir a uma partida de futebol de mulheres, porque simplesmente não existia cobertura; até 2013, tampouco existia o campeonato brasileiro. Porém, nesse mesmo ano, o jogador argentino Lionel Messi já ganhava sua quarta bola de ouro; o clube Atlético Mineiro levava sua primeira Copa Libertadores; e a Seleção Brasileira garantia o título de campeã da Copa das Confederações Fifa. Vários foram os grandes eventos e títulos do futebol masculino que aconteciam, enquanto a presença feminina no futebol brasileiro dava seus primeiros passos para construir o principal campeonato nacional.

Construir essa memória do futebol feminino é importante pois a memória dentro do esporte é um fator determinante para que os fãs e torcedores criem seu apreço, seu amor por um clube ou por um atleta. Ela possibilita reacender sonhos de outras épocas, reviver emoções e atmosferas que marcaram nossas vidas, reconstruir um momento de felicidade e lazer (DELGADO, 2010).

Em tempos passados os homens já identificavam a importância da memória como suporte construtor de identidades e solidificador das consciências. Santo Agostinho, considerando a importância da memória, definiu-a como uma das categorias fundamentais da alma humana. A mitologia grega, por sua vez, integrou a memória ao quadro de suas representações. Dessa forma, Menemosyne é mãe das musas que protegem a história e a arte. História que é a construção da experiência humana através dos tempos. Arte, que traduz o sentimentos e emoções dos seres humanos e representa os valores e as expectativas de uma época. (DELGADO, 2010, p. 16)

Essa inexistência das mulheres no futebol feminino durante décadas fez com que a memória da modalidade fosse construída apenas de modo recente, com o atual aparecimento nas mídias. Até quem não acompanha o esporte consegue elencar um ou dois momentos marcantes das Copas do Mundo masculinas. É difícil não lembrar do vexame do 7 a 1, ou da disputa de pênaltis contra a Itália em que o Brasil garantiu o tetracampeonato, acompanhado da narração icônica de Galvão

Bueno. Porém, não temos muita memória da seleção feminina de futebol, dos campeonatos brasileiros femininos e nem a lembrança de alguma narradora esportiva. Mesmo com uma história mais curta e recente, o futebol feminino não está gravado na lembrança do povo. “A memória [...] define relevância a tudo que evoca o que passou, garantindo sua permanência reatualizada, ou mesmo ressignificada no presente.” (DELGADO, 2010, p. 18).

Nascer mulher é nascer dentro de uma caixinha construída e monitorada pela sociedade machista e patriarcal em que vivemos. Desde pequenas somos inseridas em padrões de feminilidade impostos que são difíceis de serem rompidos. Dentro do mercado de trabalho não é nada diferente, uma vez que é clara a disparidade de oportunidades, salários e posições de liderança entre homens e mulheres.

O futebol é um meio historicamente masculinizado. As mulheres foram proibidas de praticar o esporte no Brasil por mais de quatro décadas, mas de 1983 até hoje, ainda que o cenário tenha evoluído e as jogadoras tenham mais visibilidade e voz, muitas mudanças ainda precisam ser feitas.

Como diz Broch (2020, p.695), “a historiografia acerca do futebol feminino no Brasil se constrói em meio a muitas lacunas pois reflete a exclusão histórica das mulheres não somente como sujeitos de direitos, mas também como sujeitos históricos”. Dessa forma, o futebol é apenas mais um reflexo da sociedade, assim como são as redações jornalísticas focadas na cobertura esportiva. A presença de jornalistas mulheres no meio esportivo vem subindo nos últimos tempos, mas ainda há um longo caminho a trilhar em busca da equidade, principalmente quando pensamos na narração de partidas.

O que resume bem o porquê da frequente tensão entre homens e mulheres é a construção misógina da sociedade. O ódio pelas mulheres é utilizado em uma função política de manutenção do patriarcalismo (ARAÚJO; VENTURA, 2021). Os autores ainda completam que a misoginia tem o objetivo de policiar as mulheres, principalmente aquelas que não se encaixam nos padrões impostos e que ocupam ou desejam ocupar espaços que são entendidos como masculinos.

Por conta da Primeira Guerra Mundial, as mulheres que exerciam exclusivamente o papel de mães e esposas, foram requisitadas a assumir outros postos dentro da sociedade já que os homens estavam sendo convocados para a guerra. Elas então passaram a ocupar diferentes espaços dentro do corpo social, como as fábricas. Nesse ambiente o futebol já se fazia presente, logo as mulheres

começaram a ter contato com a modalidade, a praticá-la e até a formar grupos competitivos. Porém, conforme o futebol feminino ia ganhando popularidade, na Europa, também recebia grande resistência e com isso começaram as medidas de proibição da prática do esporte.

Na Inglaterra o impedimento começou em 1921, na França em 1941 e na Alemanha em 1955. No Brasil, há registros do futebol praticado por mulheres na década de 1920 em eventos de exibição, nada competitivos. A modalidade era vista como um espetáculo circense, mas nas duas décadas seguintes já existiam times formados. Porém, mesmo com as diferenças nas histórias do futebol feminino dentro e fora do Brasil, há sempre seu ponto de encontro: a rejeição. No país a barreira governamental imposta é de 1941, com o Decreto-Lei que proibia a prática do futebol pelas mulheres.

A justificativa para o impedimento tinha, obviamente, uma origem misógina e machista. Diziam que as mulheres que praticassem o futebol seriam masculinizadas e que seus corpos frágeis não eram feitos para um esporte tão violento, além de afirmarem que a modalidade só era praticada por lésbicas. O futebol feminino só foi devidamente regulamentado na década de 1980 pelo Conselho Nacional de Desportos. Porém, o tratamento diferenciado que as jogadoras recebiam, não mudou muito.

Toda essa trajetória de lutas para, simplesmente, poder praticar a modalidade deixou marcas que continuam bem visíveis, já que ainda existe uma batalha a ser vencida em prol da profissionalização das atletas e de um tratamento igualitário entre homens e mulheres dentro do esporte. Tudo é muito tardio quando pensamos no contexto futebol feminino. O Brasil já tinha duas medalhas olímpicas de prata, dois pódios em copas e três medalhas de pan-americanos, sendo dois ouros, e o campeonato brasileiro de futebol feminino nem sonhava em existir. Pouquíssimos clubes tradicionais tinham suas equipes femininas.

Só a partir de 2019, os clubes que estão na Série A do Brasileirão masculino, precisaram se enquadrar no Licenciamento de Clubes da Confederação Brasileira de Futebol, que os obrigava a manter uma equipe de futebol feminino, incluindo base e adulto. Essa ordem da CBF seguiu uma decisão tomada pela Conmebol de obrigar os clubes que desejam participar das competições masculinas, a terem seus times femininos.

Essa obrigação, apesar de ter feito com que muitas equipes fossem criadas e os campeonatos brasileiros fossem abarrotados de novas atletas, as condições de trabalho para elas não seguia o mesmo nível de investimento que as equipes femininas. Treinos e jogos são realizados em campos com gramados péssimos, cheios de buracos e com vestiários caindo aos pedaços. Horários e locais das partidas que, muitas vezes, não permitem ao torcedor acompanhar aos jogos. Além de que, quase sempre que existe uma crise em um clube, uma das primeiras áreas a sofrer com cortes de gastos, é o futebol feminino, como aconteceu no Ceará em 2022, o que comprometeu toda a temporada seguinte.

A mídia teve e ainda tem um papel primordial na visibilidade do futebol feminino, e por muito tempo reforçou o machismo e o sexismo. Produções jornalísticas já tentaram justificar a necessidade de fazer com que o futebol de mulheres tivesse mudanças em sua estrutura, como diminuição do campo e do gol, com a justificativa de que o jogo seria mais dinâmico, já que o corpo das mulheres não é ideal para uma área tão grande. Jornais e revistas já promoveram capas em que o foco era o corpo sarado das jogadoras, as sexualizando e transformando a modalidade em objeto de desejo erótico para o público masculino.

[...]a história não apenas é relatada por historiadores constituídos em sua maioria por homens, como também é expressa através da utilização de documentos que são produtos de outros homens, que carregam consigo o monopólio do texto. A ocupação masculina naquilo que se refere ao poder público contribuiu também para a segregação sexual nos espaços sociais, sendo que às mulheres eram destinados locais e papéis definidos. (BROCH, 2020, p. 699)

Assim, a história majoritariamente sendo contada por homens, o contexto não seria nada diferente dentro das redações jornalísticas. “A inserção de mulheres em definitivo em jornais esportivos ou na editoria, seguiu a ‘lógica da dominação’ (BOURDIEU, 2002) que as acompanhou ao longo dos séculos: esperar que uma parcela significativa da sociedade, quase que hegemonicamente do gênero masculino, aceitasse que modalidades esportivas não só lhe interessavam, como também poderiam fazer parte de sua área de trabalho” (CARVALHO, 2021, p. 1 e 2).

O primeiro jornal brasileiro a ser focado exclusivamente na cobertura esportiva foi A Gazeta Esportiva, em 1928, periódico suplementar de A Gazeta. Já no rádio, mídia fundamental para transformar o futebol em um esporte de massa no

Brasil, a primeira transmissão de um jogo ocorreu em 1931, na Rádio Educadora Paulista, e se deu na voz de Nicolau Tuma.

A primeira vez que uma mulher comandou um evento esportivo pelo rádio ocorreu somente em 1972, por Zuleide Ranieri. Logo, a história feminina na cobertura esportiva tem apenas 51 anos, muito nova se levarmos em consideração há quantos anos o futebol e outros esportes já dominam o gosto do povo. Até hoje, em 2023, as mulheres ainda têm que brigar por seu espaço nas coberturas esportivas, elas ainda são menor número, porém, a realidade é bem melhor. Muitas jornalistas e comentaristas já conquistaram o público com seu carisma e inteligência das falas. Ainda existem os incomodados com a presença delas, mas eles não têm força suficiente para parar a avalanche feminina no jornalismo e no mundo do futebol.

O meio futebolístico, apesar de parecer restrito, tem muitas portas abertas para as mulheres. Dentro do futebol elas são jogadoras, jornalistas, árbitras, torcedoras, dirigentes, treinadoras... Mulheres apaixonadas por esse esporte, que fazem dele seu trabalho, seu amor da vida, sua prioridade, seu lazer do final de semana e até parte da sua personalidade. Conquistar esse espaço é muito importante para que exista um “ser mulher” na experiência do futebol.

Para conhecer mais as histórias e experiências de mulheres que fizeram do futebol parte essencial de suas vidas, propusemos a produção de um podcast que conta a história de quatro das perspectivas citadas acima: a mulher jogadora de futebol, a árbitra, a jornalista esportiva e a torcedora; além de incluir contextualizações com a atualidade deste esporte.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1. Misoginia e padrões sociais de feminilidade

Desde a infância, uma mulher é introduzida a um papel social. Nos contos de fadas, ela lê a história de uma garotinha que sofre muito nas garras de uma bruxa má e é salva pelo príncipe encantado, eles se casam e vivem felizes para sempre. Espera-se, então, que esse conto seja reproduzido na realidade: casar, depender de seu marido para o sustento e cuidar dos filhos que ela, obviamente, terá já que essa é a retribuição esperada em troca do trabalho do homem.

Há poucos séculos atrás, a mulher não tinha direitos básicos dentro da sociedade, como o voto. A ela era reservado o ambiente familiar e isso se justificava ao dizerem que este era um papel de máxima importância, já que ela seria responsável por construir a sociedade, parindo e educando as crianças. O movimento sufragista veio em busca de mudar esse cenário e incluir as mulheres na vida pública, já que o voto é o primeiro passo para que alguém possa ter voz dentro de uma democracia.

Entretanto, aqueles que eram contrários a esse movimento, utilizavam como argumento que, esta privação de direitos, era um pequeno sacrifício que as mulheres tinham que enfrentar por um bem maior, por recompensas e prestígio social.

As sufragistas eram descritas, por aqueles com poder social, como mulheres “da pior espécie”, já que queriam se dignar a um ambiente tão típico da masculinidade. Elas eram pintadas como vulgares, já que segundo esta mentalidade, a única maneira das mulheres habitarem o ambiente político seria através da sexualidade exacerbada. Dessa maneira, atingiam um ponto sensível a fim de desestimular outras senhoras a almejar o voto: a virtude das mulheres. (ANJOS, 2020)

Além da utilização do argumento de que a mulher era essencial para o equilíbrio da sociedade, estando em casa com os filhos, outro perigo colocado diante do direito ao voto eram as ameaças veladas do que poderia acontecer caso se rebelasse contra o matrimônio. Dessa forma, se não fossem submissas às

vontades sociais, além da perda do marido, ficariam arruinadas financeiramente. (ANJOS,2020)

É possível perceber, portanto, que o movimento antissufragio estadunidense utilizou amplamente a retórica de separação entre “mulheres honradas” e “mulheres condenáveis”, em que as primeiras eram elevadas como moralmente superiores e importantes para a sociedade, enquanto as segundas eram apontadas como desonestas e depravadas. Caso, ainda assim, fosse tentador a uma “mulher de bem” a mudança de lado, a argumentação antissufragista deixava bem claro quais seriam as consequências para ela: além da reprovação e do isolamento social, elas ficariam na penúria, abandonadas por seus maridos. (ANJOS, 2020, p. 407)

Esse é o papel da misoginia dentro da sociedade em que vivemos: separar as mulheres úteis ao patriarcado, daquelas que causam problemas a ele. Os homens sexistas não desejam viver sem as tarefas domésticas, sociais, sexuais e reprodutivas associadas às mulheres, portanto viver sem elas não é vantajoso. Porém, é importante ressaltar que a manutenção desse tipo de pensamento, faz com que algumas mulheres, que estão na categoria de “boas”, o enxerguem como correto e passem a defendê-lo, já que se veem superiores aos olhos patriarcais.

Se as mulheres mantiverem os olhos em suas casas e naqueles dentro delas, as urnas vão cuidar de si mesmas; se elas mantiverem os olhos nas urnas, as casas não vão cuidar de si mesmas. (...) Sufragistas são a favor da destruição dos lares (FRENIER, 1984, p. 458, *apud*, ANJOS, 2020, p. 408).

O termo misoginia, que vem do grego, é formado pelo prefixo *miseo*, que significa odiar, e pelo sufixo *gyne*, cuja tradução é mulher, dessa maneira expressa a atitude de ódio e desprezo dos homens para com as mulheres. Um dos argumentos mais fortes que sustentavam (e ainda sustentam) esse tipo de pensamento é o argumento cristão da herança de Eva.

A primeira mulher a habitar a terra, segundo os dogmas do cristianismo, foi levada ao pecado pela serpente e ao sucumbir a ele, leva junto consigo Adão. Deus ao descobrir a traição, os expulsou do Paraíso e os amaldiçoou, assim como os seus descendentes. Sob Eva caiu o fardo de ser pecadora, toda a culpa caiu sobre ela e todas as suas filhas nasceriam com essa desonra. Esta é a justificativa utilizada pela Igreja Católica na hora de pregar sobre a maldade das mulheres e do porquê é preciso que elas se sujeitem aos homens. (BOSCH; FERRER; GILI, 1999)

A demonização das mulheres deixou uma herança não só religiosa, mas sociocultural, que se mantém até a atualidade com a ideia de que o homem deve negar tudo aquilo que é feminino – já que, na visão cristã, o feminino está ligado ao pecado. “O mito de Eva, portanto, estava se espalhando com toda a sua amarga carga de desprezo pelo gênero feminino” (BOSCH; FERRER; GILI, 1999, p. 11 *apud* ARAÚJO; VENTURA, 2021)

Ainda em 2023 perdura essa “demonização” do que é feminino. Um relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) revelou que 90% dos entrevistados ainda carregam consigo algum tipo de preconceito contra as mulheres. Além disso, 75% dos brasileiros entrevistados têm preconceitos em questões de violência e direito de decisão sobre ter filhos.

A busca pelo afastamento das mulheres da vida pública¹, como pode ser observado pelos exemplos apresentados, não é uma novidade e sempre há a manutenção de velhas argumentações, mesmo em sociedades mais contemporâneas. A elas é reservado o espaço do lar, com as funções de mãe e dona de casa implícitas, seus corpos são mais frágeis e fracos e possuem a função de gerar novas vidas. Elas devem ser educadas, polidas, obedientes e caladas.

Aos homens sobra todo o resto. Trabalhar para sustentar a casa, participar das discussões políticas, praticar os mais diferentes esportes que lhe forem interessantes. E elas devem ser gratas por isso.

Mas faz tempo que as mulheres não se prestam mais a serem rotuladas e colocadas em uma caixinha de padrões impostos por uma sociedade controlada por homens. Elas, que já foram queimadas como bruxas, xingadas e diminuídas em sua luta pelo voto, proibidas de praticar diversas atividades físicas porque seus corpos eram pauta e julgados como inferiores, já não deixam com que o patriarcado as impeça de fazer o que desejam.

O machismo e a misoginia, impregnados na maneira de pensar da sociedade, fazem com que haja uma binaridade, uma separação entre o que é coisa de homem e o que é coisa de mulher. Ainda que algumas destas sejam muito parecidas: um garoto que vibra, grita, xinga e faz festa ao ver uma partida do seu time do coração é visto como torcedor apaixonado, mas uma garota fã de um cantor

¹ “É onde os cidadãos se inter-relacionam por meio dos recursos do discurso e da persuasão, descobrem suas identidades e decidem, coletivamente, acerca de interesse comum” (SOARES, 2002, p. 101 *apud* FALCÃO, 2019). Acesso em: 19 de julho de 2022.

famoso que chora, grita, extravasa em um show é vista como histérica e, até, infantil.

Quando se fala, então, das mulheres que adentram ao “mundo masculino”, essa binaridade e separação entre os gêneros é escancarada. Pergunte a qualquer mulher fã de esportes dominados pelos homens, quantas vezes ela já não foi questionada sobre alguma regra ou sobre a escalação de 1981 do time que torce, por exemplo. Mesmo que a palavra “torcedor” tenha surgido graças às mulheres nas arquibancadas, que torciam seus lenços de nervoso ao assistirem as partidas, a presença delas nesse ambiente ainda é muito questionada.

Pelo fato de as mulheres terem sempre que lutar por seu espaço e, constantemente, terem que provar seu valor, o caminho dentro do mercado de trabalho é sempre mais turbulento e cheio de problemas, principalmente em ambientes onde a presença masculina é regra e a feminina é exceção, como o meio futebolístico.

A mulher jogadora de futebol teve sua profissionalização muito recentemente. No Brasil, o impedimento se encerrou em 1979, mas o campeonato brasileiro só surgiu 34 anos depois; e a partir de 2019 todos os clubes que disputam a série A do Campeonato Brasileiro masculino são obrigados a terem equipes profissionais e de base de futebol feminino², para que estejam aptos a disputar qualquer campeonato oficial. Essa medida foi tomada seguindo orientações da Conmebol, que faz as mesmas exigências dos clubes que competem a Copa Libertadores da América e a Copa Sul-Americana.

Por isso, grande parte das jogadoras brasileiras mais experientes já jogou ou ainda joga em um clube estrangeiro. Marta³, eleita a melhor jogadora do mundo 6 vezes pela FIFA, ingressou no esporte em 1999 no Centro Esportivo Alagoano (CSA), em 2003 vestiu a camisa da seleção brasileira e um ano depois já estava saindo do país para jogar na Suécia. Logo, a maior referência do futebol feminino brasileiro (e mundial), mal jogou em seu próprio país.

1.2. Preconceito de gênero no esporte

² Da proibição à obrigação, o futebol feminino desafia os clubes brasileiros em 2019. Diogo Magri, El País. Acesso em: 14 de julho de 2022. Link de acesso:

https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/11/deportes/1555012178_170838.html

³ Biografia: Marta Silva. Acesso em: 14 de julho de 2022. Link de acesso:

https://www.purepeople.com.br/famosos/marta-silva_p238736

A presença feminina no meio esportivo é uma realidade há menos tempo do que se imagina. O esporte é um ambiente coletivo, que é capaz de transparecer os valores e a verdade de um povo, por isso é muito importante na formação da história do ser humano (VALDUGA, 2013). Mas, onde a mulher entra nisso?

O esporte, desde sempre, esteve muito ligado a palavras como competição, força, vitalidade e rivalidade, que são fortemente ligadas à masculinidade, logo era difícil conceber a inclusão feminina nesta cultura. Pensamentos como o de que a prática esportiva poderia levar a mulher à esterilidade, por exemplo, criaram grandes barreiras para a participação da mulher no esporte, e isso vem desde as origens do esporte, na Grécia Antiga.

A figura masculina, naquela época, era a representação da força divina do Monte Olimpo, e a feminina era vista apenas como instrumento de procriação. Os primeiros Jogos Olímpicos da Antiguidade datam de 776 a.c, a competição ocorria em homenagem a Zeus e somente os homens podiam participar ativamente das disputas.

Nos Jogos Olímpicos da Modernidade, a presença feminina também não veio de cara. Somente na segunda edição da competição, em 1900, elas conquistaram seu espaço. Com muita luta, desafiando a cultura da época e mostrando que o corpo feminino tem capacidade e força para atuar esportivamente. Em 1932, apenas 9% dos atletas presentes nas Olimpíadas de Los Angeles eram mulheres, e em Tóquio 2020 (ocorrida em 2021 em decorrência da pandemia de COVID19) esta porcentagem subiu para 48,8%, ainda não alcançando a metade nas participações mas chegando a um número expressivo e muito importante.

Como pode-se observar, a presença feminina no esporte cresce a passos de formiga. As brasileiras, por exemplo, tiveram sua primeira representante em Los Angeles 1932 - coincidentemente o mesmo ano em que o voto feminino foi conquistado no Brasil - porém só ganharam suas primeiras medalhas 34 anos depois, em 1996, nos Jogos Olímpicos de Atlanta.

Mesmo com o crescente número de mulheres envolvidas no esporte, é impossível negar que ainda seja um ambiente, predominantemente, masculino. Há mais atletas homens, mais equipes masculinas, mais árbitros, mais técnicos, mais jornalistas, comentaristas, narradores, etc.

Por isso, é importante falar da questão de gênero dentro do esporte, no caso deste trabalho, do futebol, porque o gênero “é uma categoria fundamental na

vivência das práticas corporais, no jogo e no lazer, falar sobre questão de gênero na prática esportiva é de suma importância para o desenvolvimento e compreensão do papel feminino no mundo esportivo.”(VALDUGA, 2013, p. 9)

Os valores de feminino e masculino na sociedade são diferentes. Quando crianças, meninos e meninas são apresentados à prática esportiva de maneira diferente. Um grande exemplo que é possível citar são as escolas de futebol de base, em que os garotos são introduzidos desde pequenos às regras e aos treinamentos da modalidade e onde podem se desenvolver, fazer amigos e descobrir um talento, já com pouca idade.

Se uma menina tem o sonho de jogar bola, ou ela é desestimulada com a justificativa de ser “coisa de menino”, ou ela deve se submeter à jogar com os garotos e lidar com as consequências dessa decisão, mesmo ainda muito nova. Como foi o caso da Giovanna Waksman, jogadora do sub-13 do Botafogo e única menina inscrita no Campeonato Metropolitano, que é uma competição mista. Ela, que é considerada uma promessa do futebol feminino brasileiro, relatou ter sofrido violência física e verbal dos pais de outros atletas.

Giovanna sofreu uma fissura na clavícula em decorrência de uma falta dura que sofreu durante um jogo contra o São Cristóvão. Em entrevista ao Ge⁴, ela relata: “Gritam mandando me matar, dizendo para não deixar eu jogar, que futebol é para homem. E coisas muito piores também. A maioria (dos gritos) vem de mulheres, as mães dos meninos. Um absurdo”.

Características socialmente pré-estabelecidas funcionam como ferramentas de exclusão e inclusão em diferentes modalidades esportivas, uma vez que posicionam as mulheres de acordo com seus demarcadores sociais (graciosidade, delicadeza, beleza e todos os demais atributos utilizados para caracterizar a "essência feminina"), assim perseverando na mentalidade de que seus corpos não são apropriados para determinadas atividades (VALDUGA, 2013, p.10).

Dessa maneira, a presença da mulher no esporte é uma constante luta de (re)afirmação do potencial feminino, de que elas podem alcançar o êxito e serem bem-sucedidas nas diferentes modalidades. Se fazer presente neste lugar de mulher atleta cria uma nova representação do ser feminino na sociedade e é um

⁴ Única jogadora no sub-13 do Botafogo, Giovanna relata faltas duras e ofensas: "Mandam me matar". Renata de Medeiros, Ge. Acesso em: 14 de julho de 2022. Link de acesso: <https://ge.globo.com/futebol/times/botafogo/noticia/2022/06/23/unica-jogadora-no-sub-13-do-botafogo-giovanna-relata-faltas-duras-e-ofensas-mandam-me-matar.ghtml>

caminho importante, porém ainda longo, em busca de equidade de gênero e do fim dos preconceitos.

1.3. Visibilidade feminina nas mídias

As mulheres vem, a cada ano, conquistando seu espaço e sua voz dentro do meio esportivo, aqui em destaque para o futebol. Em 2019, a Copa do Mundo de Futebol Feminino da França mudou completamente o cenário em que a modalidade se encontrava. Pela primeira vez a competição foi transmitida em TV aberta no Brasil e alcançou índices de audiência altíssimos⁵, como o jogo da final entre Estados Unidos e Holanda em que foi registrado que 19,9 milhões de pessoas assistiram à partida pela TV Globo e pelo SporTV. E este número, provavelmente, ainda foi maior, já que os dados oficiais divulgados pela FIFA não incluíram os espectadores da TV Bandeirantes.

Camila Valduga, em seu texto “O universo do futebol feminino na cultura brasileira: Considerações a partir de recortes midiáticos” (2012), traz um contexto descrito por Mourão e Morel (2005), de que o futebol feminino passa por um “efeito sanfona”, porque logo após ganhar destaque dentro das grandes mídias, como foi o caso da Copa de 2019, a popularidade cai drasticamente. Ou seja, só quando acontece um grande evento esportivo ou se uma jogadora está em alta, é que se ouve falar de futebol feminino no Brasil.

Mas nem com todos os obstáculos existentes, e já previamente apresentados neste trabalho, as mulheres deixam de se fazer presentes no espaço futebolístico. Elas estão dentro de campo, jogando ou arbitrando, estão na comissão técnica, na arquibancada, na beira do campo segurando um microfone, ou no estúdio narrando e comentando uma partida. Ocupar estes espaços é mais do que importante, é essencial para confrontar a hegemonia masculina que ainda existe e enfrentar de frente o preconceito.

É inegável o avanço alcançado, principalmente pós-Copa, mas o ambiente esportivo ainda pode ser nocivo para a mulher. Seus corpos sempre estarão em pauta, mas de uma maneira diferente da utilizada com os homens. A eles é colocada a questão de alto rendimento e habilidades atléticas, como quando se está

⁵ Copa do Mundo feminina supera 1 bilhão em audiência. Placar. Acesso em: 15 de julho de 2022.

Link de acesso:

<https://placar.abril.com.br/esporte/copa-do-mundo-feminina-supera-1-bilhao-de-audiencia/>

acima do peso e não consegue dar seu melhor dentro de campo, mas às mulheres sobram os comentários acerca das formas corporais, beleza e até sensualidade, deixando de lado as experiências como jogadoras.

Mesmo as mais recentes tentativas oficiais de incentivo ao futebol feminino no Brasil escorregam no machismo característico de nossa cultura, como foi o caso do Campeonato Paulista Feminino de 2001. À época, reportagem do jornal Folha de S. Paulo revelou que um dos pontos do projeto elaborado pela Federação Paulista de Futebol e pela empresa Pelé Sports & Marketing para o torneio condicionava seu sucesso a "ações que enalteçam a beleza e a sensualidade da jogadora para atrair o público masculino". Tradução: calções minúsculos, maquiagem e longos cabelos, presos em rabos-de-cavalo. (FRANZINI, 2005 *apud* VALDUGA, 2012, p. 15)

É importante trazer destaque para esta discussão pois só assim será possível debater, como jornalistas e estudantes de jornalismo, a maneira como as mídias estão representando a figura da mulher no esporte.

Outro ponto que chama a atenção é a presença feminina dentro das redações de jornalismo esportivo. Elas, que surgiram no jornalismo antes mesmo de serem consideradas jornalistas, quando escreviam seus manifestos por direitos na imprensa alternativa, ainda hoje tem que lutar e trabalhar muito mais para conquistar o mesmo espaço que um homem. Quando adentraram o ambiente do jornalismo esportivo, principalmente o televisivo, as mulheres eram utilizadas como forma de atrair os olhos do público masculino, este sendo mais um exemplo de como a mídia se utilizou da sexualização feminina para atrair audiência.

Quando a mulher entrou para o mercado de trabalho formal, por razões econômicas da época, ela passou a assumir um papel financeiro dentro da família e não só os domésticos. Por conta disso, à elas eram reservadas as funções que não exigiam níveis de especialização, logo, recebiam um salário menor. A introdução da mulher no jornalismo se deu da mesma maneira, remunerações baixas e destinadas a editorias "de menor importância".

Na área esportiva, a mulher enfrentou as mesmas dificuldades que no mercado de trabalho como um todo. O início foi tardio, até a década de 1970 não se encontrava mulheres no jornalismo esportivo. O acesso a essa editoria jornalística se deu gradativamente, assim como o acesso às diversas outras profissões. O aumento de mulheres no jornalismo esportivo também se deu pelo crescimento da mulher no esporte como atleta, atraindo a

atenção de outras mulheres que se sentiram representadas, não só nas modalidades esportivas como em todas as áreas que envolvem o esporte, inclusive o jornalismo. (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2017, p.17)

1.4. O jornalismo feito em áudio e os podcasts

Já se ouviu muito falar que o rádio estava em seu fim, que não haveria mais espaço para ele depois da introdução da televisão no cotidiano das pessoas, mas ele se manteve. Também quando surgiu a internet e o fácil acesso a quaisquer tipo de informações, em todos os tipos de mídia, novamente se esperava a morte do rádio (e até da TV), mas o que se viu foi uma nova onda de produções em áudio: os podcasts.

Porém, não se engane se pensar que o podcast ganhou o lugar do rádio tradicional, porque não é bem assim. O rádio faz parte da cultura e é um companheiro em diversas situações do cotidiano, além de ser uma mídia muito democrática, pois alcança aqueles lugares mais ao interior do país, onde as antenas de TV não chegam e a internet é algo desconhecido.

Os podcasts vieram como uma nova forma de enxergar a produção de conteúdo em áudio e apesar de ter sido um termo criado em 2004⁶, ainda não é possível ter uma definição concreta do que seja um podcast. Existem algumas versões do porque deste nome para essa nova mídia. Uma delas é que o “podcasting” surgiu da ideia de se reproduzir produções feitas em áudio, normalmente MP3, dentro do aparelho *iPod*, da *Apple*. Outra versão é que a palavra seria derivada de “Personal On Demand broadCAST” - transmissão pessoal por demanda, em tradução livre (ARTHUR e SCHOFIELD, 2006 *apud* ASSIS, 2011).

Uma das características básicas do podcast é a atemporalidade, ou seja, é um tipo de mídia que fica disponível para acesso a qualquer hora e quantas vezes desejar. Além disso, também é característico que eles possuam “*feeds*”, como em redes sociais, uma vez que os podcasts são conhecidos por terem programas seriados e em um *feed* eles podem ser encontrados de maneira mais organizada. (ASSIS, 2011, p. 49).

⁶ A primeira vez que a palavra podcast foi utilizada foi em fevereiro de 2004, pelo jornalista Ben Hammersley do jornal inglês *The Guardian* para descrever os arquivos de áudio disponibilizados por seu colega Christopher Lyndon no ano anterior. Lyndon pediu a seu amigo Dave Winer para criar uma forma de divulgar a seus leitores a existência de arquivos de mídia para download (LUIZ e ASSIS, 2009 *apud* ASSIS, 2011).

Com a pandemia, um boom de podcasts ocorreu no Brasil e diversos programas estrearam. Atores, atrizes, influenciadores, jornalistas, economistas, professores e diversos outros profissionais embarcaram na onda e se tornaram podcasters, gerando conteúdo recorrente e abordando os mais diferentes assuntos, de fofocas à desmistificação de *fake news*.

A maioria desses novos podcasts ocorrem ao vivo no *Youtube* com imagens, seguem um formato parecido de “mesa redonda”, onde os podcasters recebem o(s) convidado(s) e conversam sobre a vida deles durante um longo período de tempo; essa gravação depois é liberada na própria rede de vídeos e depois *upada* nas plataformas de áudio como *Spotify* e *Deezer*.

Mas, o podcast não possui um formato específico e é uma ferramenta de mídia muito importante para o jornalismo. A Globo, por exemplo, explora bastante os podcasts, utilizando uma temática abordada numa reportagem exibida na TV, ou sobre um assunto político importante e em destaque. O podcast “O Assunto”⁷, por exemplo, já possui mais de 750 episódios no site do G1.

É possível, então, perceber que o podcast é uma ferramenta excelente para abordar os mais diferentes assuntos e compartilhar pensamentos, cultura e levar entretenimento para o ouvinte através das produções em áudio.

⁷ O Assunto - G1 Podcasts. Acesso em: 19 de julho de 2022. Link de acesso: <https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/>

2. RELATÓRIO TÉCNICO

2.1 - Pré-Produção

A ideia de finalizar o curso falando de esporte era a mais plausível e consistente com a trajetória durante o curso, mas a partir da premiação no Expocom Sudeste de 2020 tivemos certeza de que esse era o caminho a seguir e também que o professor orientador deveria ser o especialista no tema dentro do DCM: Joaquim Lannes.

Somente no final de 2021 começamos as reuniões e a debater sobre a temática escolhida. Nesta época pensávamos em fazer um livro reportagem, já que ainda existia muita insegurança com a realidade vivida na pandemia, mas ainda nos sentíamos sem rumo e sem saber se o tema realmente era o que gostaríamos de trazer para a conclusão da graduação.

Com a partida do Professor Lannes, ocorreu um choque de realidade e decidimos sair da zona de conforto e produzir algo que nos desafiasse como jornalistas. E então, com um novo orientador, o Professor Ricardo Duarte, decidimos arriscar e investir em um formato, o áudio, e abordar histórias de mulheres que amam futebol.

Para o produto final deste Trabalho de Conclusão de Curso produzimos um podcast que retrata a realidade da mulher no meio do esporte, mais especificamente, do futebol. Para contar as histórias, dividimos a participação feminina em quatro esferas: a mulher jogadora, a torcedora, a árbitra e a jornalista. Com essa separação buscamos encontrar as diferentes perspectivas em que o feminino se encontra dentro desse ambiente predominado e comandado por homens.

A ideia de utilizar o podcast como formato do produto é poder contar, em episódios seriados, as diferentes vivências das mulheres apaixonadas pelo futebol, de maneira a tentar encontrar semelhanças e divergências entre as histórias de cada uma das entrevistadas e, assim, tentar elucidar por meio do áudio a realidade vivida por elas.

A construção deste trabalho só se iniciou, então, em maio de 2022 com a busca de textos para o embasamento teórico do memorial. Como já sabíamos que faríamos 6 meses de mobilidade acadêmica internacional, e por isso ocorreria o

afastamento das atividades na UFV, o foco, nesse primeiro momento, foi em construir a parte conteudista, que foi finalizada em julho.

Após o tempo fora do Brasil, ocorreu a reunião com o Professor Ricardo, em março de 2023, para apresentar a ideia do podcast e traçarmos o caminho dali em diante. A primeira etapa foi ir em busca das fontes para as entrevistas. Algumas entrevistas foram facilmente marcadas, tendo bastante abertura com as fontes. Já outras, foram mais difíceis. Conseguimos o contato direto com uma jornalista que, em um primeiro momento, aceitou fazer a entrevista. Porém, depois de um tempo, parou de responder as mensagens e optamos por desistir do contato.

Por isso, buscamos outras possibilidades de fontes e finalmente tivemos êxito. A busca por uma árbitra também foi longa, porém menos frustrante, pois a primeira que entramos em contato não podia participar, mas indicou outras pessoas e finalmente marcamos a entrevista.

Antes mesmo de agendar as reuniões com as fontes, foi elaborada uma série de perguntas focadas nas individualidades de cada uma. De maneira geral, procuramos desenvolver perguntas para tentar entender como começou a relação delas com o futebol, como o machismo dentro do meio do futebol as afeta e o que elas fazem contra ele, e perspectivas sobre o futuro.

As entrevistadas escolhidas foram: inicialmente seria apenas uma jogadora de futebol, porém incluímos a irmã dela na entrevista, pois as duas jogam futebol desde pequenas e juntas criaram um time amador de futsal e society; uma torcedora do Grêmio, que também produz conteúdo sobre o clube do coração na internet; uma jornalista esportiva que trabalha especificamente com futebol; e uma árbitra profissional.

O naming do produto também foi um processo longo, que demandou muita pesquisa de referências e de verificação se um nome já estava em uso. “Entrelinhas” foi escolhido graças ao significado da palavra e da relação que podemos fazer com as linhas do campo de futebol. Ler nas entrelinhas é visualizar aquilo que não está explícito, é entender o que há por trás de uma mensagem. O que há por trás das 4 linhas do futebol, que normalmente não é visto ou valorizado? A presença das mulheres. Um pequeno texto também serviu de inspiração para a escolha deste nome:

São nas entrelinhas, naquelas finíssimas linhas entre o que existe e o que não existe, que escrevemos a nossa história. São sempre naquelas passagens que pouca gente entende, que pouca gente acredita e que muita gente imagina que nem acontece. Para alguns simples sonhos, para outros apenas impossibilidade. E justamente por ser impossível, por ser simplesmente sonho, por ser inacreditável que vivemos. Porque somos assim... dentro de nós. Acreditando no impossível e escrevendo nossa história. Escrevendo-a sempre... sempre nas entrelinhas; nas finas linhas do real e do imaginário que construímos e criamos os melhores cenários de vida... de verdades, de sonhos e fantasias. Para além de nós... para muito além dos nossos dias. (Adriano Hungarô)⁸

2.2 - Produção

As entrevistas com as fontes foram realizadas pela plataforma Zencastr, que é muito parecida com o Zoom e o Google Meet, porém permite a gravação dos áudios de maneira separada, facilitando a edição dos episódios, uma vez que as vozes não se sobrepõem. Cada entrevista teve de 50 minutos a uma hora de duração e foram desenvolvidas a partir das perguntas que já tinham sido elaboradas, mas também de outras novas que surgiam no decorrer da conversa.

Ao terminar o momento com as fontes era feita a audição da gravação e o fichamento com a minutagem de cada assunto abordado, de maneira a facilitar a construção do roteiro dos episódios e sua posterior edição, uma vez que cada episódio foi pensado para ter 20 minutos de duração e era extremamente necessário ter fácil acesso ao conteúdo das entrevistas.

A criação dos roteiros se baseou na escolha das melhores partes das entrevistas, seguidas de intensa pesquisa complementar. Essa pesquisa teve o objetivo de embasar o que as entrevistadas disseram e para a construção da narração. Além de ter auxiliado a encontrar acontecimentos importantes, recentes e antigos, que pudessem ser incluídos nos episódios.

A partir do momento que todas as informações mais relevantes, tanto ditas pelas entrevistadas quando as pesquisadas, estavam organizadas e destacadas, iniciou-se a construção dos episódios. O texto da narração foi pensado para ter uma breve introdução ao tema, seguido da vinheta do programa e depois do desenvolvimento do episódio em si.

⁸ ENTRELINHAS - Adriano Hungarô. Acesso em: 12 de maio de 2023. Link de acesso: <https://www.pensador.com/frase/NTE4NjEx/>

À medida que tudo era escrito, também era realizado o corte das falas das fontes, de maneira a adiantar a posterior edição, e também de conferir exatamente o que é falado, para que a narração faça sentido e se conecte com as ideias da entrevistada. Um episódio inteiro demorava cerca de 12 horas para ficar pronto, contando com todas as etapas pós-entrevista.

2.3 Pós-produção

Os roteiros de cada episódio foram montados a partir da escrita da narração e da seleção das melhores falas das entrevistadas. Muitas vezes, para que fizesse mais sentido dentro da narrativa escolhida para os episódios, o que foi dito pelas fontes não seguia uma cronologia de acordo com a entrevista. Por exemplo, foi abordado pelas jogadoras, logo de início, que sua mãe foi quem mais as incentivou a jogar futebol. Mais para o meio da entrevista, elas novamente tocaram nesse assunto e contextualizaram que a mãe foi proibida de jogar futebol na época dela de juventude. Os dois momentos conversam entre si, então foram colocados no mesmo momento dentro do episódio.

Para a gravação das narrações e realização das entrevistas foi utilizado um headset com microfone com cancelamento de ruído da marca Redragon. Toda a parte de edição dos episódios, sejam cortes mais simples ou edições de voz, foram feitos utilizando o programa Adobe Audition.

O podcast pode ser ouvido gratuitamente em duas plataformas comuns para esse tipo de conteúdo: Spotify e Youtube. O Youtube foi escolhido, especialmente, para que pudessem ser incluídas legendas e assim tornar o produto mais acessível a pessoas com deficiência auditiva. Essa é uma pauta importante pois, se o “Entrelinhas” foi um programa pensado para trazer mais visibilidade a uma causa e também mais representatividade, é necessário que ele atinja todos os públicos.

Para que o podcast fosse divulgado, foi criada uma página no Instagram e nos dias de publicação dos episódios, saíram post de divulgação nessas redes sociais. Outros posts também saíram para movimentar a rede social e aumentar o engajamento do perfil. Toda a parte gráfica do produto foi desenvolvida utilizando o Adobe Illustrator e a plataforma Canva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos desafios rodearam a criação desse projeto, mas a escolha de tema e formato foi um dos mais complexos. Ideias que foram de escrever um livro sobre a trajetória do Corinthians no futebol feminino à produzir um documentário sobre a influência do cinema na cidade de Cataguases. Mas nada disso fazia sentido e trazia brilho aos olhos.

Uma das virtudes mais lindas proporcionadas pela profissão de jornalista é contar histórias. Apesar de todos os problemas que os profissionais da comunicação enfrentam com desvalorização, críticas exacerbadas, governantes que nos desrespeitam e, claro, a questão salarial, o jornalismo tem um belo propósito: dar luz a histórias que nunca saíram da escuridão e dar voz aos que muitas vezes nem sabiam que alguém iria querer lhe ouvir.

E foi com essa intenção que o Entrelinhas foi pensado e elaborado. Pelo desejo de que as mulheres sejam ouvidas e valorizadas. Principalmente em um ambiente tão machista e misógino como o futebol, é necessário saber como as mulheres se inserem e fazem com que esse espaço também seja delas. É importante detectarmos o problema para, então, buscar soluções. E mesmo que elas não venham no curto prazo, um passo foi dado para que uma mudança seja feita.

Diante do objetivo pensado para este produto, um podcast que aborda diferentes ramos profissionais, atleta e árbitra de futebol, e também a ocupação de torcedora, consideramos que pudemos dar visibilidade e representar tantas mulheres que amam e vivem o futebol todos os dias e esperamos que ele seja um gatilho ou uma inspiração para que outras mulheres também descubram que o lugar delas é onde elas quiserem estar. Seja na arquibancada, dentro das quatro linhas, com um microfone na mão ou um apito. Seja em casa ou nas redações. Nos escritórios ou na beira do campo. Todos os lugares também pertencem a elas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E DIGITAIS

ARAÚJO, É. A. de; VENTURA, M. de S. V. Misoginia no Futebol Feminino: Retratos Históricos no Jornalismo Esportivo. **44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Virtual. 4 a 9/10/2021.

BLANCO, F. **O FUTEBOL FEMININO ALÉM DA COPA**. Brand Bola, 2019. Disponível em: <https://brandbola.com/2019/06/26/o-futebol-feminino-alem-da-copa-por-felipe-blanco/>. Acesso em: 18 abr. 2023.

BOECKEL, C.; COELHO, H. **'Foi só um beijinho no rosto. Não. Não foi', desabafa jornalista vítima de assédio; homem foi transferido para Benfica: Oficial de Justiça Marcelo Benevides Silva teve prisão em flagrante convertida em preventiva. Jéssica Dias, vítima de assédio, se desculpou por não poder dar entrevistas e disse que vai se casar no sábado.. G1 - Rio de Janeiro, 8 set. 2022.** Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/09/08/foi-so-um-beijinho-no-rosto-nao-foi-desabafa-jornalista-vitima-de-assedio.ghtml>. Acesso em: 15 maio 2023.

BOSCH, E.; FERRER, V. A.; GILI, M. **Historia de la misoginia**. Rubí (Barcelona): Anthropos Editorial, Palma de Mallorca: Universitat de les Illes Balears, 1999.

BROCH, M. Histórico do futebol feminino no Brasil: considerações acerca da desigualdade de gênero. *Temporalidades – Revista de História*. Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 695-705, 2021.

CARVALHO, J. da C. Mídia, Esporte e Gênero: a Baixa Participação Feminina no Cotidiano Esportivo das Redações. **44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Virtual. 4 a 9/10/2021.

ANJOS, J.C.V. dos Misoginia como retórica política: o caso do movimento antissufragio. **Revista Ártemis**, [S. l.], v. 30, n. 1, p. 401–421, 2020. DOI: 10.22478/ufpb.1807-8214.2020v30n1.53123. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/53123>. Acesso em: 2 jul. 2022.

ARAÚJO, M.de. **A mulher e o futebol: de acompanhante a torcedora**. Ludopédio, 24 fev. 2021. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/a-mulher-e-o-futebol-de-acompanhante-a-torcedora/>. Acesso em: 10 abr. 2023.

ASSIS, P. de O Imaginário do Rádio e o Podcast. **Comunicologia - Revista de Comunicação da UCB**, v. 4, n. 2, p. 84-106, 15 dez. 2011.

DELGADO, L. de A. N. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História Oral**, [S. l.], v. 6, 2009. DOI: 10.51880/ho.v6i0.62. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/62>. Acesso em: 24 jun. 2022.

ECOTEN, M. C.. F.; CORSETTI, B. **A MULHER NO ESPAÇO DO FUTEBOL: UM ESTUDO A PARTIR DE MEMÓRIAS DE MULHERES**. Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, [s. l.], 23 ago. 2010.

FALCÃO, A.; CARVALHO, I.; ROCHA, N. **Atletas e especialistas relatam os desafios da profissionalização do futebol feminino no Brasil**. Notícias Avera, 17 jun. 2021. Disponível em: <https://www.noticiasavera.com.br/atletas-e-especialistas-relatam-os-desafios-da-profissionalizacao-do-futebol-feminino-no-brasil/#:~:text=Através%20de%20carta%20oficial%2C%20publicada,2021%2C%20dia%20internacional%20da%20mulher>. Acesso em: 18 abr. 2023.

FERREIRA, F. E. **No Brasil, uma mulher é vítima de violência a cada quatro horas**: São Paulo e Rio de Janeiro concentram quase 60% do total de casos. Agência Brasil, 9 maio 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-03/no-brasil-uma-mulher-e-vitima-de-violencia-cada-quatro-horas>. Acesso em: 10 abr. 2023.

GARES, D. **Jogadora de 13 anos sofre preconceito em torneio de futebol no Rio**: Giovanna atua pelo Botafogo e compete ao lado dos meninos, porque não existe uma categoria feminina para idade dela. Boa parte do preconceito e do machismo que atingem a menina vem das arquibancadas.. G1 - Jornal Nacional, 7 jul. 2022. Disponível em: [Giovanna atua pelo Botafogo e compete ao lado dos](#)

meninos, porque não existe uma categoria feminina para idade dela. Boa parte do preconceito e do machismo que atingem a menina vem das arquibancadas. Acesso em: 18 abr. 2023.

GLOBOESPORTE.COM. **#DeixaElaTrabalhar: jornalistas lançam manifesto em defesa do trabalho das mulheres no esporte**: Veja vídeo do movimento que luta contra o assédio moral e sexual; vários clubes já aderiram à causa. Ge - São Paulo, 25 mar. 2018. Disponível em: <https://ge.globo.com/sp/futebol/noticia/deixaelatrabalhar-jornalistas-lancam-manifesto-em-defesa-do-trabalho-das-mulheres-no-esporte.ghtml>. Acesso em: 15 maio 2023.

INSTITUTO DE PESQUISA DATASENADO. **Mulheres no Esporte: Pesquisa sobre equidade de gênero**. BRASIL. Senado Federal, 2021.

MATOS, M.C. **#DEIXAELATRABALHAR: O QUE O SILENCIAMENTO DA CAMPANHA NAS REDES SOCIAIS TRAZ DE INDÍCIOS QUANTO AO DIREITO DA MULHER JORNALISTA ESPORTIVA EM EXERCÍCIO DE SUA FUNÇÃO**. Orientador: Mariana Ramalho Procópio Xavier. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal de Viçosa, [S. l.], 2022.

MEIO E MENSAGEM. **Copa do Mundo Feminina 2023: onde será e como assistir aos jogos?**: Competição será exibido pela primeira vez pela Globo na TV aberta e terá 32 seleções na disputa pela taça. Meio e Mensagem, 13 fev. 2023. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/midia/copa-do-mundo-feminina-2023>. Acesso em: 18 abr. 2023.

MONTEIRO, I.C.; SOARES, J. P. F.; MOURÃO, L. SAINDO DA “POSIÇÃO DE IMPEDIMENTO”: AS ÁRBITRAS BRASILEIRAS NO FUTEBOL PROFISSIONAL. **XIX CONBRACE**: Territorialidade e diversidade regional no Brasil e América Latina: Suas conexões com Educação Física e Ciências do Esporte, Vitória - ES, 8 set. 2015.

MUSEU DO FUTEBOL. **Lea Campos, a primeira árbitra**: Conheça Lea Campos, uma das personagens do Museu do Impedimento. São Paulo - SP, 2019. Fotografias. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/story/DAUxB6IADPSFKw?hl=pt-BR>. Acesso em: 2 jun. 2023.

NESTROVSKI, S. **Tor-ci-da**. Nexo Jornal, 28 ago. 2017. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/lexico/2017/08/28/Antes-de-existir-a-torcida-existiam-as-torcedoras>. Acesso em: 10 abr. 2023.

OLIVEIRA, A. P.; OLIVEIRA, N. L. DE. A MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO. **Revista Observatório** , v. 3, n. 5, p. 402-424, 1 ago. 2017.

PAIVA, D. **Aluna de escola de BH vai à Justiça para ter direito de jogar futebol com colegas**: Uma liminar foi concedida determinando que a instituição permita que ela participe. Caso a escola não cumpra a decisão, uma multa de R\$ 20 mil poderá ser aplicada.. G1, 5 jul. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2022/07/05/aluna-de-escola-de-bh-vai-a-justica-para-ter-direito-de-jogar-futebol-com-colegas.ghtml> . Acesso em: 18 abr. 2023.

SCHMITZ FILHO, A. G.; VALDUGA, C. **O UNIVERSO DO FUTEBOL FEMININO NA CULTURA BRASILEIRA: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DE RECORTES MIDIÁTICOS**. 2013. 31 f. Monografia (Especialização) - Curso de Pós-Graduação em Atividade Física, Desempenho Motor e Saúde, Área de Concentração em Cenários Esportivos na Mídia, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria (RS), 2013.

Anexos

ENTRELINHAS EPISÓDIO 1	AUTORA LARA BERNARDES	DURAÇÃO 00:20:24
----------------------------------	---------------------------------	----------------------------

//// BG - BARULHO DE VINIL

//// BG - MÚSICA “GOOD VIBES”

LARA: “O FUTEBOL FEMININO É UM ESPETÁCULO RIDÍCULO E DIGNO DE MERECER ATENÇÕES DAS NOSSAS AUTORIDADES.” “PÉ DE MULHER NÃO FOI FEITO PARA SE METER EM CHUTEIRAS.” “FUTEBOL MATA A GRAÇA DA MULHER.” ESSAS SÃO FRASES QUE APARECERAM EM JORNAIS DE GRANDE CIRCULAÇÃO NO BRASIL NO INÍCIO DA DÉCADA DE 40, E NESSA MESMA ÉPOCA AÍ, MAIS PRECISAMENTE NO ANO DE 1941, O FUTEBOL FEMININO FOI PROIBIDO POR LEI.

O BRASIL, QUE HOJE SE CONSIDERA O PAÍS DO FUTEBOL, HÁ POUCO TEMPO ATRÁS ABOMINAVA A PRESENÇA FEMININA DENTRO DE CÂMPO. A JUSTIFICATIVA É DE QUE ESSE ESPORTE, E TANTOS OUTROS, ERAM PREJUDICIAIS À FUNÇÃO PRINCIPAL DO CORPO DA MULHER: GERAR FILHOS. MAS NADA DISSO IMPEDIU QUE ELAS CONTINUASSEM JOGANDO. MUITAS INCLUSIVE FORAM PRESAS. SER MULHER E JOGAR FUTEBOL ERA, E AINDA É REVOLUCIONÁRIO.

LARA: OI! VOCÊ ESTÁ OUVINDO O ENTRELINHAS, O PODCAST QUE TE CONTA HISTÓRIAS DE MULHERES APAIXONADAS POR FUTEBOL, JUNTAMENTE A CURIOSIDADES HISTÓRICAS E REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DA MULHER DENTRO DESSE ESPORTE. EU SOU LARA

//// SOBE SOM - MÚSICA DA VINHETA

//// CAI PARA BG

BERNARDES E SEJAM BEM VINDOS AO PRIMEIRO EPISÓDIO: A MULHER JOGADORA.

LARA: O FUTEBOL TRAZ CONSIGO MUITO MAIS QUE UM ESPAÇO ESPORTIVO, ELE É TAMBÉM UM ESPAÇO SOCIAL, ISSO QUER DIZER QUE OS VALORES DA ACABAM SE REFLETINDO NELE. DESSA FORMA, POR SEMPRE TER TIDO PRESENÇA MACIÇA DE HOMENS, O FUTEBOL REPRODUZIU E AINDA REPRODUZ A EXCLUSÃO DA PRESENÇA FEMININA.

GAROTOS NO BRASIL GANHAM BOLAS E CHUTEIRAS LÁ NO COMEÇO DE SUAS VIDAS E É MUITO COMUM QUE DESDE PEQUENOS SEJAM INCENTIVADOS A PRATICAREM ESPORTES, A EXPLORAREM SUAS HABILIDADES MOTORAS, JOGANDO BOLA, PULANDO POR AÍ, LUTANDO E DESBRAVANDO VÁRIOS OBSTÁCULOS. JÁ PRA AS MENINAS FICAM RESERVADAS AS BONECAS E CASINHAS, E SE FOSSE PRA ELAS PRATICAREM ALGUM ESPORTE, SÓ OS QUE TÊM POUCO OU NENHUM CONTATO COM O OUTRO, COMO A GINÁSTICA E O VÔLEI.

DENTRO DOS CLUBES DE FUTEBOL NO BRASIL A GENTE CONSEGUE VER UM REFLEXO DESSA FALTA DE CONSIDERAÇÃO COM AS MULHERES. ISSO PORQUE NENHUM CLUBE TEM FORMAÇÃO DE BASE PARA O FUTEBOL FEMININO ATÉ OS 14 ANOS. JÁ NO MASCULINO, COM ESSA IDADE OS JOGADORES TIVERAM SUAS HABILIDADES

//// SONORA 1 - JOGADORAS

REFINADAS POR MUITO TEMPO DE TREINAMENTO.

E AÍ, O QUE RESTA ENTÃO PARA AS MENINAS QUE AMAM E QUEREM JOGAR FUTEBOL? JOGAR COM OS MENINOS. E FOI ISSO QUE ACONTECEU COM AS IRMÃS GABRIELA E ISABELA MARTINS, MORADORAS DE BRAGANÇA PAULISTA E IDEALIZADORAS DO MUIÉS FC, TIME DE FUTSAL E SOCIETY FEMININO.

Jogadoras: A maior dificuldade eu acho que é sempre o preconceito né. Que fica até meio clichê a gente ficar falando disso, mas é a realidade (...) Se os caras erravam um passe, tipo “ah, acontece”. Mas tipo, se a gente errava, aí já era uma coisa tipo assim esperada. “É, com mulher não dá pra jogar mesmo”.

LARA: EM 2022 DOIS CASOS DE MENINAS JOGADORAS VIRARAM NOTÍCIA NO NOSSO PAÍS. A EMANUELLE DE 10 ANOS, ESTAVA SENDO IMPEDIDA PELA ESCOLA DE PARTICIPAR DO CAMPEONATO DA PRÓPRIA INSTITUIÇÃO. ISSO PORQUE NÃO EXISTIA UMA EQUIPE DE FUTEBOL FEMININO. A MÃE DELA, DANIELE, ORGANIZOU UM ATO NA FESTA JUNINA DA ESCOLA. LEVOU CARTAZES QUE AFIRMAVAM QUE AS MENINAS GOSTAM SIM DE FUTEBOL. MESMO ASSIM, A ESCOLA NÃO AUTORIZOU A PARTICIPAÇÃO DA EMANUELLE, E FOI AÍ QUE A MÃE RESOLVEU ACIONAR A JUSTIÇA. NA DECISÃO DESSE CASO, O JUIZ RESPONSÁVEL DESTACOU A IMPORTÂNCIA DO INCENTIVO AO ESPORTE E À CULTURA E AFIRMOU

//// SONORA 2 - JOGADORAS

QUE O SIMPLES FATO DE NÃO TER UMA EQUIPE FEMININA NÃO PODERIA SER MOTIVO PARA QUE A EMANUELLE NÃO DISPUTASSE O CAMPEONATO.

A MÃE DA EMANUELLE, A DANIELE, FOI UM GRANDE EXEMPLO DE COMO OS PAIS E RESPONSÁVEIS SÃO OS PRIMEIROS INCENTIVADORES DAS CRIANÇAS. TER ESSE APOIO É ESSENCIAL PARA QUE OS SONHOS DOS MAIS NOVOS SE MANTENHAM VIVOS E SUAS VOZES SEJAM OUVIDAS.

Jogadoras: Eu acho que a maior incentivadora mesmo foi a mãe, né? Eu acho que foi a maior, assim (...) A gente saía daqui e ia pra Campinas, de Campinas ia pra Louveira e jogava tudo no mesmo dia. Então minha mãe sempre... Se a gente falava que não ia, ela brigava e levava a gente.

LARA: ASSIM COMO O APOIO DOS PAIS É ESSENCIAL, TAMBÉM É NECESSÁRIO QUE ELES SEJAM E DEEM BONS EXEMPLOS. O OUTRO CASO QUE GANHOU NOTORIEDADE EM 2022 FOI O DA GIOVANNA, DE 13 ANOS, QUE JOGAVA NA CATEGORIA DE BASE DO BOTAFOGO, E ERA A ÚNICA MENINA DO TIME. EM UMA DAS PARTIDAS QUE ELA JOGOU, ELA FOI VÍTIMA DE PRECONCEITO VINDO DA ARQUIBANCADA. GRITOS DE “FUTEBOL É PRA HOMEM” ECOAVAM DA BOCA DE PAIS E MÃES QUE ASSISTIAM À PARTIDA.

//// SOBE SOM - JOGO DO BOTAFOGO

Torcedores gritam e xingam.

//// SONORA 5 - JOGADORAS

Jogadoras: Eu acho que quando a gente era mais nova eu ouvia muito mais. Quando eu era criança mesmo, eu ficava muito sentida, né (...) O treinador dele ficou mais do meu lado do que o meu treinador, que falou “ah, mas você tá usando shorts curto, queria que ele fizesse o que? O outro treinador ficou muito mais do meu lado. Ele falou “não, fala aí dela. Agora você vai entrar e vai falar na cara dela”.

LARA: O CASO DA GIOVANNA REPERCUTIU BASTANTE E ELA RECEBEU MUITO APOIO NAS REDES SOCIAIS E ATÉ UM VÍDEO DAS MENINAS DA SELEÇÃO BRASILEIRA. HOJE, ELA TÁ JOGANDO NOS ESTADOS UNIDOS. FOI PARA LÁ SE DESENVOLVER MELHOR NO FC FLORIDA, CLUBE QUE, ASSIM COMO O BOTAFOGO, PERTENCE A JOHN TEXTOR E COM ISSO ELA VAI SE ENCAMINHANDO PARA UMA CARREIRA PROFISSIONAL MUITO PROMISSORA. MAS A HISTÓRIA DA GIOVANNA É UMA GRANDE EXCEÇÃO PARA A MAIORIA DAS MENINAS JOGADORAS. A NOSSA ENTREVISTADA, ISABELA MARTINS TEVE UMA EXPERIÊNCIA RUIM JOGANDO NA FINLÂNDIA, QUE ACABOU FINALIZANDO COM O SONHO DE JOGAR PROFISSIONALMENTE.

//// SONORA 3 - JOGADORAS

Jogadoras: Na época que eu fui, tipo, tinha poucos times aqui no Brasil que tava valorizando. E, por exemplo, tinha alguns times aqui no Brasil mas eram contratos muito curtos (...) E aí quando minha mãe me levou no médico, eu fiz o exame, aí já tive que operar, ficar um ano

	<p><i>sem jogar. Aí já não quis mais saber do profissional, né, que daí acabei conhecendo ele lado mais sombrio, assim, do futebol.</i></p> <p>LARA: ATÉ POUQUÍSSIMO TEMPO ATRÁS, MUITOS CLUBES, COMO A ISABELA BEM SINALIZOU, MANTINHAM SUAS JOGADORAS COM CONTRATOS AMADORES E MUITO CURTOS. ESSES CONTRATOS NÃO DAVAM SEGURANÇA NENHUMA PARA AS JOGADORAS, ALÉM DE PREJUDICAR A SINCRONIA DAS EQUIPES E O DESENVOLVIMENTO DELAS PRAS PRÓXIMAS TEMPORADAS.</p>
<p>//// BG - MÚSICA “GOOD VIBES”</p>	<p>2019 FOI A VIRADA DE CHAVE PARA O FUTEBOL FEMININO NO BRASIL. A MODALIDADE GANHOU MUITA EVIDÊNCIA PORQUE PELA PRIMEIRA VEZ UMA COPA DO MUNDO FEMININA FOI TRANSMITIDA EM TV ABERTA. ESSA COPA DE 2019 FOI CONSIDERADA A COPA DA VISIBILIDADE E DO EMPODERAMENTO, ISSO PORQUE MUITAS ATLETAS UTILIZARAM ESSE MOMENTO PARA PEDIR MAIS IGUALDADE E MELHORES CONDIÇÕES DE TRABALHO, ALÉM DE QUE VÁRIAS MARCAS, COMO GUARANÁ ANTARCTICA E O BOTICÁRIO, ABRAÇARAM O FUTEBOL FEMININO E ATÉ INCENTIVARAM OUTRAS MARCAS A FAZER O MESMO.</p>
<p>//// SOBE SOM - PROPAGANDA GUARANÁ ANTARCTICA</p>	<p>Campanha publicitária que chama outras marcas a patrocinar a seleção feminina.</p>

//// SONORA 4 - JOGADORAS

//// SOBE SOM - MÚSICA “THIS IS CORPORATE”

//// CAI PARA BG

LARA: ALÉM DISSO, FOI EM 2019 QUE TODOS OS CLUBES QUE INTEGRAM A SÉRIE A DO BRASILEIRÃO MASCULINO FORAM OBRIGADOS A TEREM UMA EQUIPE DE FUTEBOL FEMININO. APESAR DISSO, A ESTRUTURA OFERECIDA PARA AS ATLETAS, EM MUITOS CLUBES, AINDA NÃO CHEGA AOS PÉS DO QUE OS HOMENS RECEBEM.

Jogadoras: Eu acho que foi um passo importante, tipo assim, ter colocado como obrigação ter o time feminino (...) Elas só vão se frustrar, entrar lá pra tomar na cabeça e seguir num sonho que talvez, a gente não sabe nem se o financeiro, o salário é bom pra se manter, né.

LARA: 2023 É ANO É COPA DO MUNDO FEMININA. ESSA VAI ACONTECER NA AUSTRÁLIA E NA NOVA ZELÂNDIA E JÁ TÁ VINDO COM NOVIDADES. PELA PRIMEIRA VEZ 32 SELEÇÕES VÃO DISPUTAR O TÍTULO, 8 A MAIS DO QUE EM 2019 E DESSA VEZ A COMPETIÇÃO VAI SEGUIR O MESMO MODELO DA COMPETIÇÃO MASCULINA: OITO GRUPOS DE QUATRO PAÍSES EM QUE OS DOIS PRIMEIROS COLOCADOS SE CLASSIFICAM PARA AS FASES DE MATA-MATA.

TEREMOS UM MÊS REPLETO DE FUTEBOL FEMININO EM TODAS AS MÍDIAS. SÓ QUE INFELIZMENTE É SÓ UM MÊS DENTRO DE UM ANO INTEIRO EM QUE O FUTEBOL FEMININO SEMPRE FICA DE ESCANTEIO. A GENTE ESPERA QUE

//// SOBE SOM - ÁUDIO FATMA SAMOURA

ESSE MUNDIAL TENHA O MESMO EFEITO, E ATÉ UM EFEITO MAIOR, DO QUE TEVE AQUELE DA FRANÇA DE 2019. QUE O FUTEBOL FEMININO SEJA MAIS ABRAÇADO, MAIS VISTO E MAIS LEMBRADO QUANDO FALAMOS APENAS DE FUTEBOL.

DURANTE A CONVENÇÃO DE FUTEBOL FEMININO DA FIFA EM 2019, A SECRETARIA GERAL DA FEDERAÇÃO, FATMA SAMOURA DISCURSOU SOBRE COMO AS VOZES DAS MULHERES NEM SEMPRE SÃO OUVIDAS E QUE O TRABALHO DURO DELAS MUITAS VEZES NÃO É RECONHECIDO. PRA ELA, AQUELA CONVENÇÃO, AQUELE MUNDIAL DA FRANÇA E TODOS OS OUTROS QUE AINDA ESTÃO POR VIR NÃO SÃO APENAS SOBRE FUTEBOL FEMININO, MAS SIM SOBRE MULHERES DEIXANDO SUA MARCA.

Fatma fala em inglês.

LARA: FUTEBOL É A PAIXÃO NACIONAL. SE A GENTE LIGAR A TELEVISÃO AGORA, VÃO TER VÁRIOS PROGRAMAS FALANDO, DEBATENDO, DISCUTINDO FUTEBOL E ISSO SE ARRASTA PRO DIA INTEIRO. É ATÉ DIFÍCIL FUGIR DAS NOTÍCIAS, FOFOCAS, BASTIDORES DE TUDO QUE ENVOLVE O FUTEBOL NO BRASIL. QUE ESSE ANO, TODOS OS HOLOFOTES TAMBÉM SE VIREM PARA AS MENINAS DA NOSSA SELEÇÃO. QUE O BRASIL, QUE A TORCIDA BRASILEIRA JOGUE JUNTO, VIBRE, TORÇA POR ELAS. PORQUE, AFINAL, É A NOSSA CAMISA, É A AMARELINHA, É O CANARINHO ENTRANDO EM CAMPO, MAIS UMA VEZ EM MAIS UMA COPA.

//// SOBE SOM - MÚSICA “CORÇÃO VERDE E AMARELO”

/// CAI PARA BG

LARA: FOI UM PRAZER CONHECER A HISTÓRIA DA ISABELA E DA GABRIELA E VER COMO O FUTEBOL ENTRA NA ROTINA DAS PESSOAS, DE MANEIRA A SE TORNAR UM PROPÓSITO NA VIDA. ESSE EPISÓDIO VAI FICANDO POR AQUI, FOI UM PRAZER TER VOCÊ COMO OUVINTE.

O ENTRELINHAS É UM PODCAST DESENVOLVIDO COMO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA, DE AUTORIA DE LARA BERNARDES, E ORIENTADO PELO PROFESSOR RICARDO DUARTE.

ESSE EPISÓDIO USOU ÁUDIOS DE FOGO NA REDE, GUARANÁ ANTARCTICA E FIFA.

TE ESPERO PRO PRÓXIMO. TCHAU!

//// SOBE SOM - MÚSICA “CORÇÃO VERDE E AMARELO”

ENTRELINHAS EPISÓDIO 2	AUTORA LARA BERNARDES	DURAÇÃO 00:17:44
----------------------------------	---------------------------------	----------------------------

//// SOBE SOM - MÚSICA “BLUSHES”

/// CAI PARA BG

LARA: “QUANDO ELA APITA TODO MUNDO PARA”.

ESSA FOI UMA MANCHETE DO

JORNAL DOS SPORTS, NO ANO DE 1971, PRA FALAR DE LÉA CAMPOS, A PRIMEIRA ÁRBITRA DE FUTEBOL DO MUNDO. ELA SE FORMOU COMO ÁRBITRA EM 1967 MAS FOI PROIBIDA DE ATUAR PELA CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS, A CBD, QUE HOJE CORRESPONDE À CBF. QUATRO ANOS DEPOIS, LÉA CONSEGUIU COM QUE O PRESIDENTE DO BRASIL NA ÉPOCA, O GENERAL EMÍLIO MÉDICI REDIGISSE UMA CARTA AO ENTÃO PRESIDENTE DA CBD ORDENANDO QUE ELE CONCEDESSE À ELA A PERMISSÃO PARA ATUAR COMO ÁRBITRA.

INFELIZMENTE, LÉA TEVE QUE SE AFASTAR DOS GRAMADOS POR CONTA DE UMA ACIDENTE QUE SOFREU EM 1974, MAS O LEGADO QUE ELA DEIXOU E AS PORTAS QUE ELA ABRIU PERMITIRAM QUE HOJE EXISTAM TANTAS MULHERES ATUANDO NA ARBITRAGEM BRASILEIRA E MUNDIAL. MAS ELAS AINDA SÃO MINORIA. NA CBF, EM 2022, O NÚMERO DE ÁRBITROS, PRINCIPAIS E ASSISTENTES, ERA QUASE 5 VEZES MAIOR QUE O DE ÁRBITRAS.

MAS 2022 TAMBÉM FOI ANO DE EVOLUÇÃO. PELA PRIMEIRA VEZ, UM JOGO DE COPA DO MUNDO MASCULINA TEVE UM TRIO DE ARBITRAGEM TOTALMENTE FEMININO. A PARTIDA ENTRE ALEMANHA E COSTA RICA TEVE A FRANCESA STÉPHANIE FRAPPART NO APITO; E A MEXICANA KAREN DIAZ E A BRASILEIRA NEUZA BACK COMO BANDEIRINHAS.

OII! VOCÊ ESTÁ OUVINDO O ENTRELINHAS, O PODCAST QUE TE CONTA HISTÓRIAS DE MULHERES APAIXONADAS POR FUTEBOL,

/// SOBE SOM - MÚSICA DA VINHETA

//// CAI PARA BG

JUNTAMENTE A CURIOSIDADES HISTÓRICAS E REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DA MULHER DENTRO DESSE ESPORTE. EU SOU A LARA BERNARDES E SEJAM BEM VINDOS AO SEGUNDO EPISÓDIO: A MULHER ÁRBITRA.

LARA: A PROFISSÃO DE ÁRBITRO NO BRASIL NÃO É NADA FÁCIL. LIDAR COM TORCEDORES INDIGNADOS, JOGADORES E COMISSÃO TÉCNICA REVOLTADOS E COM A IMPRENSA FAZENDO VISTA GROSSA É A ROTINA DESSES PROFISSIONAIS, QUE ALÉM DE TUDO, NÃO RECEBEM BEM.

A ARBITRAGEM NO NOSSO PAÍS TRABALHA DE MANEIRA AUTÔNOMA, POR ISSO, RECEBE POR JOGO. NO COMEÇO DA CARREIRA É PRATICAMENTE IMPOSSÍVEL SE MANTER APENAS COM O TRABALHO DE ÁRBITRO PORQUE SÓ É PERMITIDO TRABALHAR NOS JOGOS DE BASE E DE FUTEBOL FEMININO, QUE NÃO PAGAM BEM E NÃO TEM UM CALENDÁRIO TÃO EXTENSO. ALÉM DISSO, SE UM ÁRBITRO OU ÁRBITRA FOR DE FORA DO EIXO SÃO PAULO, RIO, MINAS E RIO GRANDE DO SUL, É BEM PROVÁVEL QUE ESSE CALENDÁRIO SEJA MENOR AINDA.

QUEM NOS CONTOU TODOS ESSES DETALHES FOI A LUIZA REIS, ÁRBITRA ASSISTENTE HÁ 13 ANOS PELA FEDERAÇÃO GAÚCHA DE FUTEBOL.

//// SONORA 1 - ÁRBITRA

Luiza: Obviamente, eu não tinha o sonho de ser árbitra de futebol. Acredito que ninguém sonho de ser árbitro de futebol, não conheço ninguém (...) A gente é escalado e ganha por jogo. Não tem nenhuma garantia se se machuca, ou se tu é punido, ou se tu não passa no teste físico, tu fica sem trabalhar, fica sem receber. Às vezes fica sem receber porque simplesmente não tem jogo, né. Tem um ou outro e acaba que tu não entra na escala, daí fica sem trabalhar, então fica complicado ficar dependendo só da arbitragem.

LARA: EM 2023 A ARBITRAGEM BRASILEIRA SOFREU MUDANÇAS QUE BUSCARAM SOLUCIONAR PROBLEMAS RECORRENTES NAS PARTIDAS. POR EXEMPLO, AGORA É TOLERÂNCIA ZERO COM RECLAMAÇÕES, ENTÃO SE O ÁRBITRO SE SENTIR PRESSIONADO, ELE DEVE APLICAR O CARTÃO AMARELO. EM RELAÇÃO AO ÁRBITRO DE VÍDEO, O VAR, OS LANCES REVISADOS SERÃO EXIBIDOS NO TELÃO DOS ESTÁDIOS, DESDE QUE EXISTA UMA ESTRUTURA PRA QUE ISSO ACONTEÇA. COM ISSO, O TORCEDOR SABE DIREITINHO O QUE A ARBITRAGEM TÁ ANALISANDO E RECEBE MAIS TRANSPARÊNCIA NA DECISÃO.

//// SONORA 2 - ÁRBITRA

Luiza: Eu acho que a arbitragem brasileira, ela vem evoluindo muito. Tipo, a gente vem tendo mais investimento (...) Se colocou mais uma pessoa na cabine pra que diminuísse o tempo de cada análise. Então, aos poucos, as coisas vão se ajustando. Não dá pra resolver tudo, né, de uma hora pra outra. Mas eu

//// SONORA 3 - ÁRBITRA

//// SONORA 4 - ÁRBITRA

acho que vem numa evolução

LARA: O VAR É SEMPRE UM TÓPICO POLÊMICO DENTRO DO DEBATE DA ARBITRAGEM. MUITA GENTE ACHA QUE ELE VEIO PRA ATRAPALHAR, MAS A LUIZA ACREDITA QUE ELE É BENÉFICO, TANTO PARA OS ÁRBITROS QUE ESTÃO EM CAMPO, QUANTO PARA OS TIMES.

Luiza: Acho que veio pra ajudar sim e tá ajudando, porque a gente vinha com muitas situações desumanas de tomada de decisão (...) O futebol, ele evoluiu muito e ele vinha com situações muito difíceis de tomada de decisão, então acho que veio pra ajudar sim. Pra diminuir, né, a interferência nos resultados

LARA: PRA TRABALHAR COM O ÁRBITRO DE VÍDEO É NECESSÁRIO FAZER UM CURSO À PARTE, QUE EXIGE UM NÚMERO DE HORAS TRABALHADAS EM CABINE E EM CAMPO, UTILIZANDO O VAR. A ARBITRAGEM É UMA PROFISSÃO QUE REQUER MUITO ESTUDO, DEDICAÇÃO E TREINAMENTO. PRA ATUAR NOS CAMPEONATOS MASCULINOS PROFISSIONAIS, POR EXEMPLO, AS ÁRBITRAS TÊM QUE FAZER O MESMO TESTE FÍSICO DOS HOMENS.

ALÉM DISSO, OS ÁRBITROS TÊM QUE SEGUIR UMA ROTINA DE ATLETA. PORÉM, SEM TODA AQUELA ESTRUTURA QUE OS JOGADORES TÊM.

Luiza: É bem complicado, principalmente porque pra gente trabalhar nos campeonatos

//// SOBE SOM - MÚSICA “GOOD VIBES”

//// CAI PARA BG

//// SONORA 5 - ÁRBITRA

profissionais, a mulher tem que fazer o mesmo teste físico que o homem (...) É uma rotina de atleta, né. Tem dias que são dois treinos, dois turnos de treino. Aí quando tem jogo dá uma diminuída, mas quando volta já tá na recuperação, já tá treinando de novo. Então acaba sendo uma rotina de atleta, mesmo que a gente não faça só isso, né.

LARA: EM QUASE TODA RODADA DO BRASILEIRÃO, A ATUAÇÃO DE UM ÁRBITRO, OU DE TODO UM TRIO DE ARBITRAGEM VIRA PAUTA PRA DEBATE EM PROGRAMAS DE ESPORTES. ALGUMAS VEZES É UM ERRO CLARO, E OUTRAS UM LANCE DE INTERPRETAÇÃO QUE PODE TER GERADO UMA POLÊMICA NO JOGO. MAS AS CRÍTICAS CHEGAM E OS ÁRBITROS TÊM QUE LIDAR COM ELAS, E COM AS PRÓPRIAS AUTOCRÍTICAS.

Luiza: É uma coisa que a gente já tem que lidar com a gente mesmo. A gente até brinca assim, pode ter sido um erro que ninguém viu, só a gente. Já é difícil (...) Isso é uma crítica sem sentido. A própria comissão de arbitragem assinou que não tinha respaldo, manteve a gente na escala. Mas aí tu fica assim “Pô, né...” Isso é uma coisa que irrita demais, que tá vindo reclamar achando que tá com razão, e não tá com razão. E aí, essa crítica acho que incomoda mais.

LARA: AS CRÍTICAS E
COMENTÁRIOS VÃO VIR,
INDEPENDENTE DO QUE O

	<p>PROFISSIONAL DA ARBITRAGEM FAÇA. SÓ QUE MUITAS VEZES, O PESO DAS CRÍTICAS SOBRE AS MULHERES É MUITO MAIOR DO QUE COM OS HOMENS.</p> <p>EM 2014, A EX-ASSISTENTE DE ARBITRAGEM FERNANDA COLOMBO COMETEU UM ERRO DURANTE UMA PARTIDA ENTRE CRUZEIRO E ATLÉTICO MINEIRO. ELA JÁ TINHA COMETIDO UM ERRO QUE PREJUDICOU O SÃO PAULO, E NO CLÁSSICO MINEIRO, ELA MARCOU UM IMPEDIMENTO INEXISTENTE CONTRA A EQUIPE CELESTE.</p> <p>SÓ QUE, APÓS O FINAL DA PARTIDA, O ENTÃO DIRETOR DE FUTEBOL DO CRUZEIRO, ALEXANDRE MATTOS, PERDEU TOTALMENTE A COMPOSTURA E FEZ UM COMENTÁRIO COMPLETAMENTE SEM NOÇÃO SOBRE A FERNANDA.</p>
<p>//// SOBE SOM - ÁUDIO ALEXANDRE MATTOS</p>	<p>ALEXANDRE EM ENTREVISTA PÓS-JOGO</p> <p>LARA: POR INTERMÉDIO DO PROGRAMA ESPORTE ESPETACULAR, DA REDE GLOBO, ALEXANDRE MATTOS ENVIOU UM PEDIDO DE DESCULPAS. SÓ QUE PRA FERNANDA, ESSE PEDIDO NÃO TEVE MUITO VALOR, MAS O DESCULPOU PORQUE ERA A ATITUDE CORRETA. EM MARÇO DE 2023, EM PARTICIPAÇÃO NO CHARLA PODCAST, FERNANDA COMENTOU SOBRE O OCORRIDO.</p>
<p>//// SOBE SOM - ÁUDIO FERNANDA COLOMBO</p>	<p>FERNANDA NO CHARLA PODCAST</p>

LARA: A FERNANDA, HOJE, JÁ LEVA A SITUAÇÃO COM BOM HUMOR, MAS NO MESMO PODCAST ELA DIZ QUE SE O OCORRIDO ACONTECESSE ATUALMENTE, ELA TOMARIA OUTRAS PROVIDÊNCIAS. NA ÉPOCA, ELA TINHA 23 ANOS E NÃO DEVE TER SIDO NADA FÁCIL LIDAR COM TODA A REPERCUSSÃO E TODOS OS COMENTÁRIOS QUE DESCREDIBILIZARAM O TRABALHO DELA POR ELA SER UMA MULHER BONITA.

OUTRO EXEMPLO DE COMO O PESO DAS CRÍTICAS É MAIOR SOBRE AS MULHERES OCORREU COM A ÁRBITRA EDINA ALVES. ELA FOI BOMBARDEADA POR REPROVAÇÕES DENTRO E FORA DE CAMPO QUANDO APITOU O JOGO ENTRE FLAMENGO E BOTAFOGO PELO BRASILEIRÃO 2023. APESAR DE ACERTOS, UM ERRO FEZ COM QUE ELA FOSSE CONSIDERADA SEM PULSO E IMÃ DE POLÊMICA POR ALGUNS TORCEDORES NO TWITTER.

MUITOS PORTAIS DE NOTÍCIAS PUBLICARAM QUE A EDINA SERIA PUNIDA PELA CBF POR ESSE ERRO E SERIA REBAIXADA PARA A SÉRIE B NA RODADA SEGUINTE. SÓ QUE NÃO FOI BEM ASSIM QUE ACONTECEU E A LUIZA REIS EXPLICA PRA GENTE.

//// SONORA 6 - ÁRBITRA

Luiza: A mulher tem uma possibilidade de erro muito menor que o homem e fica mais tempo na geladeira (...) Do Bruno Arleu ninguém falou. Falaram que a Edina estava sendo rebaixada, né. Aí eu me indignei demais. Falei “Não gente, não é assim”. Porque acho que fica

<p>//// SOBE SOM - MÚSICA “OUT ON MY SKATEBOARD”</p>	<p>NOSSO PODCAST VAI CHEGANDO AO FIM. FOI INCRÍVEL CONVERSAR COM A LUIZA E APRENDER SOBRE ESSA PROFISSÃO TÃO IMPORTANTE E, INFELIZMENTE, POUCO VALORIZADA, QUE É A ARBITRAGEM. MUITO OBRIGADA PELA COMPANHIA ATÉ AQUI. TCHAU!</p> <p>O ENTRELINHAS É UM PODCAST DESENVOLVIDO COMO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA, DE AUTORIA DE LARA BERNARDES, E ORIENTADO PELO PROFESSOR RICARDO DUARTE.</p> <p>ESSE EPISÓDIO USOU ÁUDIOS DE ESPORTE ESPETACULAR, CHARLA PODCAST E TERRABOLISTAS.</p> <p>VALEU E ATÉ A PRÓXIMA!</p>
---	--

<p>ENTRELINHAS EPISÓDIO 3</p>	<p>AUTORA LARA BERNARDES</p>	<p>DURAÇÃO 00:20:00</p>
--	---	------------------------------------

<p>//// SOBE SOM - MÚSICA “SIGNAL TO NOISE”</p> <p>//// CAI PARA BG</p>	<p>LARA: VOCÊ JÁ SE IMAGINOU POSICIONADO EM UM IMENSO CORREDOR COM VÁRIAS PORTAS, ONDE VOCÊ É OBRIGADO A ESCOLHER SÓ UMA PARA ABRIR, MAS QUANDO VOCÊ TENTA A PORTA NÃO ABRE? SEI QUE ESSE PARECE UM DAQUELES SONHOS MALUCOS, QUE A GENTE ACORDA SEM ENTENDER NADA, MAS ESSA É</p>
---	--

//// BG - MÚSICA “DREAMS COME TRUE”

UMA BOA ANALOGIA PARA FAZERMOS QUANDO PENSAMOS NA MULHER DENTRO DA PROFISSÃO DE JORNALISTA, MAIS PRECISAMENTE, DE JORNALISTA ESPORTIVA.

LARA: O JORNALISMO É UMA PROFISSÃO MUITO ABRANGENTE, EM QUE PODEMOS ESCOLHER TRABALHAR COM DIVERSAS ÁREAS DA SOCIEDADE. POLÍTICA, COMPORTAMENTO, ESPORTES, CIÊNCIAS. E TAMBÉM EM VÁRIAS PLATAFORMAS. TV, INTERNET, RÁDIO, SITES. NO BRASIL, O JORNALISMO ESPORTIVO SURTIU EM 1850 COM UMA REPRESENTAÇÃO ESSENCIALMENTE MASCULINA. AS MULHERES SÓ COMEÇARAM A FAZER PARTE DAS REDAÇÕES DE ESPORTES UM SÉCULO DEPOIS, E ATÉ HOJE MUITAS PORTAS NESSA EDITORIA AINDA ESTÃO FECHADAS PARA ELAS.

MAS COMO EM QUASE TODAS AS PROFISSÕES, AS MULHERES LUTARAM E AINDA LUTAM POR SEU ESPAÇO NAS REDAÇÕES DE ESPORTE, E ELAS TÊM CONQUISTADO, MESMO QUE A PASSOS DE FORMIGUINHA.

OII! VOCÊ ESTÁ OUVINDO O ENTRELINHAS, O PODCAST QUE TE CONTA HISTÓRIAS DE MULHERES APAIXONADAS POR FUTEBOL, JUNTAMENTE A CURIOSIDADES HISTÓRICAS E REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DA MULHER DENTRO DESSE ESPORTE. EU SOU LARA BERNARDES E SEJAM MUITO BEM VINDOS AO TERCEIRO EPISÓDIO: A MULHER JORNALISTA.

//// SOBE SOM - MÚSICA DA VINHETA

//// CAI PARA BG

//// SONORA 1 - JORNALISTA

LARA: MUITO JÁ SE EVOLUIU NO QUESITO DA PARTICIPAÇÃO FEMININA NA COBERTURA ESPORTIVA NO BRASIL. HOJE, É DIFÍCIL NÃO TER A PRESENÇA DE PELO MENOS UMA MULHER NOS PROGRAMAS DEDICADOS AOS ESPORTES NA NOSSA TELEVISÃO. PORÉM, ALGUNS PROBLEMAS QUE JÁ PARECEM ULTRAPASSADOS, AINDA CONTINUAM ACONTECENDO.

NO COMEÇO DA ATUAÇÃO FEMININA COMO JORNALISTA ESPORTIVA, A PRÓPRIA APURAÇÃO E COBERTURA DAS PARTIDAS DE FUTEBOL, POR EXEMPLO, ERA DIFICULTADA, ISSO PORQUE MUITAS ENTREVISTAS ACONTECIAM DENTRO DOS VESTIÁRIOS, E CLARO, ELAS NÃO PODIAM ENTRAR, NÉ. PODEMOS PENSAR QUE HOJE, ESSE JÁ NÃO É UM PROBLEMA NA ROTINA DAS JORNALISTAS, MAS VOCÊS VÃO ACREDITAR QUE ACONTECEU RECENTEMENTE? POIS É. FOI COM A ENTREVISTADA DESSE EPISÓDIO, A EMANUELLE RIBEIRO, QUE HOJE É SETORISTA DO VASCO PELO GE, PORÉM A SITUAÇÃO OCORREU ENQUANTO COBRIA O DIA A DIA DO BOTAFOGO.

Emanuelle: *Eu comecei na editoria mais na retaguarda, ajudando na cobertura dos quatro clubes e em pautas mais amplas e especiais (...)* *Aí ele falou “mas manu, infelizmente não vou conseguir que você entre porque jogador pode tá sem camisa”, enfim... Aí eu fui privada de fazer o meu trabalho porque eu era mulher.*

//// SONORA 2 - JORNALISTA

LARA: ALÉM DE TER SIDO PRIVADA DE FAZER SEU PRÓPRIO TRABALHO, A EMANUELLE TAMBÉM JÁ TEVE QUE LIDAR COM A PERDA DE UMA FONTE, PORQUE O RAPAZ, SIMPLEMENTE, QUERIA ALGUMA COISA EM TROCA PELAS INFORMAÇÕES.

Emanuelle: Lembro até de uma vez que eu pedi informação pra um jogador, porque nessa questão de você ir construindo fontes né, você vai se aproximando de quem te dá uma certa abertura (...) E aí eu perdi a fonte, porque nesse caso eu prefiro perder a fonte do que me sujeitar a esse tipo de situação, né.

LARA:A EMANUELLE É UMA JORNALISTA QUE FICA MAIS POR TRÁS DAS CÂMERAS, POR FAZER A COBERTURA DO VASCO DIRETO PARA O SITE DO GE. INFELIZMENTE, AS JORNALISTAS E COMENTARISTAS QUE APARECEM NA TV, E POR ISSO ACABAM GANHANDO NOTORIEDADE SOFREM MUITO COM ATAQUES MACHISTAS E ASSÉDIOS.

EM 2022 A REPÓRTER JESSICA DIAS, DO ESPN, ESTAVA AO VIVO NOS ARREDORES DO MARACANÃ, ANTES DE UM JOGO DO FLAMENGO PELA LIBERTADORES. JESSICA ESTAVA CERCADA DE TORCEDORES QUE ESTAVAM MUITO EMPOLGADOS, JÁ QUE O PLACAR AGREGADO JÁ ERA MUITO FAVORÁVEL AO CLUBE CARIOCA. NO FINAL DO AO VIVO, UM TORCEDOR RUBRO-NEGRO DEU UM BEIJO NA BOCHECHA DA REPORTER, SEM O CONSENTIMENTO

//// SOBE SOM - DEIXA ELA TRABALHAR

DELA, É CLARO. O ASSEDIADOR FOI LEVADO A DELEGACIA E TEVE A PRISÃO PREVENTIVA DECRETADA. NO INSTAGRAM, A JÉSSICA AINDA DESTACOU QUE ANTES MESMO DO AO VIVO ACONTECER, ESSE MESMO HOMEM JÁ TINHA XINGADO ELA E A IMPORTUNADO, COM ALISAMENTOS E BEIJOS NO OMBRO.

EM 2018, 52 MULHERES JORNALISTAS ESPORTIVAS SE JUNTARAM E LANÇARAM O MANIFESTO "DEIXA ELA TRABALHAR", COM O OBJETIVO DE LUTAR CONTRA O ASSÉDIO MORAL E SEXUAL SOFRIDO POR TODAS QUE TRABALHAM NA MÍDIA ESPORTIVA, SEJA NOS ESTÁDIOS, NAS RUAS E NAS REDAÇÕES.

Áudio da campanha

LARA: A GENTE PENSA QUE JÁ TÁ EVOLUÍDO, MAS SE OLHARMOS BEM DIREITINHO VEMOS QUE AINDA TEM MUITO CAMINHO PRA PERCORRER. A MULHER FOI COLOCADA NA COBERTURA ESPORTIVA PARA SER UM AGRADO AOS OLHOS DOS ESPECTADORES, E NÃO POR SUA COMPETÊNCIA OU PORQUE OS JORNAIS E EMISSORAS DE RÁDIO E TV ESTAVAM PREOCUPADOS COM A DEMOCRATIZAÇÃO DA EDITORIA. O FEMININO CHEGOU ÀS REDAÇÕES DE ESPORTE POR SUA IMAGEM, PARA SER PUBLICIDADE E PARA ATRAIR O OLHAR MASCULINO.

NÃO TÔ JUSTIFICANDO NADA AQUI, MAS É QUE SÓ ASSIM A GENTE CONSEGUE ENTENDER QUE DESDE O COMEÇO A MULHER É TRATADA

<p>//// SOBE SOM - FERNANDA GENTIL</p> <p>//// SONORA 3 - JORNALISTA</p>	<p>COMO UM ACESSÓRIO NA MÍDIA ESPORTIVA, DEIXANDO QUE O HOMEM SEJA O PROTAGONISTA. E ISSO ACABA REFORÇANDO O ESTEREÓTIPO DE QUE OS HOMENS SÃO MAIS QUALIFICADOS E, POR ISSO, SÃO DIGNOS DE RESPEITO. JÁ AS MULHERES... NÃO, ELAS NÃO.</p> <p>É SUPER COMUM QUE UMA MULHER TENHA SEU TRABALHO DESCREDIBILIZADO SIMPLEMENTE POR SER MULHER. DUVIDAM DA NOSSA CAPACIDADE E ATÉ INSINUAM COISAS SOBRE AS NOSSAS CONQUISTAS. DURANTE O PODCAST POD DELAS, A JORNALISTA FERNANDA GENTIL FALOU SOBRE O QUE JÁ SOFREU NO EXERCÍCIO DA PROFISSÃO.</p> <p>Fernanda no pod delas</p> <p>Emanuelle: Teve algumas oportunidades, alguns momentos que eu perdi, pelo simples fato de eu ser mulher (...) Questão de chefia, de colegas. Eu acho cada vez mais importante a gente falar e não deixar passar situações que nos colocam em constrangimento.</p> <p>LARA: APESAR DE HOJE VERMOS UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES DENTRO DO JORNALISMO ESPORTIVO, O NÚMERO DE PROFISSIONAIS AINDA É MUITO INFERIOR QUANDO COMPARADO AOS HOMENS. PODEMOS PENSAR NISSO COMO UM REFLEXO DAS TORCIDAS E TAMBÉM DO INTERESSE DA POPULAÇÃO SOBRE TEMÁTICAS DE ESPORTE. A JORNALISTA SÁLUA ZORKOT, EM ENTREVISTA PARA O TV UFMG, FALOU SOBRE ESSA</p>
--	---

//// BG - MÚSICA “DREAMS COME TRUE”

//// SONORA 5 - JORNALISTA

VASCO DISPUTOU A TERCEIRA DIVISÃO DO CAMPEONATO BRASILEIRO EM 2023, E JÁ ESTÁ GARANTIDO NA MESMA DIVISÃO PARA O PRÓXIMO ANO, JÁ QUE FOI ELIMINADO NA PRIMEIRA FASE. POR CONTA DISSO, AS MENINAS DO VASCO NÃO TEM NENHUM JOGO ENTRE A ELIMINAÇÃO DO BRASILEIRÃO A3 E O CAMPEONATO CARIOCA, QUE NORMALMENTE ACONTECE NO SEGUNDO SEMESTRE.

2023 É ANO DE COPA FEMININA E A NOSSA ENTREVISTADA TROUXE UM PONTO MUITO IMPORTANTE SOBRE A EVIDÊNCIA DA MODALIDADE NO PÓS-COPA E COMO OS CLUBES, A CBF E A MÍDIA, PRECISAM SE POSICIONAR DE MANEIRA DIFERENTE COM O FUTEBOL FEMININO.

Emanuelle: Eu acho que sim, eu acho que vai ter uma visibilidade legal essa copa, de novo (...) Entender porque que os clubes não estão investindo, entender como que a categoria tá sobrevivendo. Porque a partir daí, a partir da exposição acho que os clubes começam a ter uma mudança e a pensar em melhorar, né.

LARA: TAMBÉM É IMPORTANTE LEMBRAR QUE, MUITAS VEZES, O FUTEBOL FEMININO É DEIXADO SOMENTE NAS MÃOS SOMENTE DAS JORNALISTAS MULHERES E COMO A GENTE JÁ FALOU AQUI MESMO NESSE EPISÓDIO, ELAS SÃO MINORIA NAS REDAÇÕES. E JÁ AQUELE VELHO DITADO: QUEM É VISTO, É LEMBRADO. COMO AS PESSOAS VÃO VER E LEMBRAR DO FUTEBOL FEMININO, QUANDO MAL

//// SONORA 6 - JORNALISTA

SOBRA TEMPO PRA PRODUZIR
MATÉRIAS SOBRE ELE?

Emanuelle: Eu acho que deve ser o papel de todo mundo, né. Enquanto deixar isso na mão das mulheres, enquanto só eu, a setorista mulher fizer matérias sobre o futebol feminino (...) Eles idolatram mais os homens que estão no esporte, gostam mais do narrador homem, do comentarista homem, do repórter homem. Então eles vão ouvir mais essas referências. E enquanto essas caras não falarem de futebol feminino, talvez o futebol feminino não vai ganhar tanta importância assim pro torcedor, infelizmente.

LARA: APESAR DE MUITAS VEZES SER UM AMBIENTE HOSTIL, TRABALHAR COM JORNALISMO ESPORTIVO SENDO MULHER É NECESSÁRIO. É PRECISO QUE NÓS OCUPEMOS ESSES LUGARES.

//// SONORA 7 - JORNALISTA

Emanuelle: O jornalismo esportivo ainda é um meio muito machista, ainda é um meio dominado por homens, mas isso tá melhorando (...) Pra mim, por exemplo, é muito legal tá aqui dando essa entrevista. Há cinco, seis anos, eu também achava que seria muito difícil (...) Mas não vai ser fácil não, a gente trabalha muito, a gente não é tão valorizado como a gente gostaria. Mas a gente tá aí, tá na luta, e tá fazendo o que gosta. Eu acho que isso é recompensador.

LARA: OLHA, EU SOU SUSPEITA PRA FALAR PORQUE EU AMO DISCUTIR SOBRE ESSA PROFISSÃO

<p>//// SOBE SOM - MÚSICA “DREAMS COME TRUE”</p>	<p>INCRÍVEL, QUE É O JORNALISTA ESPORTIVO. FOI SENSACIONAL CONVERSAR COM A EMANUELLE E DESCOBRIR MAIS SOBRE OS BASTIDORES DO TRABALHO DELA. ESSE EPISÓDIO VAI FICANDO POR AQUI. EU ESPERO VOCÊS PARA O PRÓXIMO, E ÚLTIMO EPISÓDIO. ATÉ LÁ!</p> <p>O ENTRELINHAS É UM PODCAST DESENVOLVIDO COMO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA, DE AUTORIA DE LARA BERNARDES, E ORIENTADO PELO PROFESSOR RICARDO DUARTE.</p> <p>ESSE EPISÓDIO USOU ÁUDIOS DE DEIXA ELA TRABALHAR, POD DELAS E TV UFMG.</p> <p>MUITO OBRIGADA PELA AUDIÊNCIA. TCHAU!</p>
---	---

<p>ENTRELINHAS EPISÓDIO 4</p>	<p>AUTORA LARA BERNARDES</p>	<p>DURAÇÃO 00:19:59</p>
--	---	------------------------------------

<p>//// SOBE SOM - MÚSICA DANCE, DON'T DELAY</p> <p>//// CAI PARA BG</p>	<p>LARA: TORCIDA. SUBSTANTIVO FEMININO. GRUPO DE PESSOAS QUE SE REÚNE PARA LOUVAR UM TIME DE FUTEBOL OU OUTRO ESPORTE. VOCÊ JÁ SE QUESTIONOU SOBRE A ORIGEM DESSA EXPRESSÃO TÃO COMUM, HOJE, NO NOSSO COTIDIANO?</p>
--	---

//// SOBE SOM - MÚSICA DA VINHETA

//// CAI PARA BG

VOCÊ ESTÁ OUVINDO O ENTRELINHAS, O PODCAST QUE TE CONTA HISTÓRIAS DE MULHERES APAIXONADAS POR FUTEBOL, JUNTAMENTE A CURIOSIDADES HISTÓRICAS E REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DA MULHER DENTRO DESSE ESPORTE. EU SOU LARA BERNARDES E SEJAM BEM VINDOS AO QUARTO E ÚLTIMO EPISÓDIO: A MULHER TORCEDORA.

LARA: HÁ QUEM DISCORDE DESSA TEORIA, MAS O QUE MAIS SE OUVIU É QUE AS PRIMEIRAS TORCEDORAS ERAM AS MULHERES QUE IAM AOS ESTÁDIOS DE FUTEBOL, LÁ NO COMEÇO DO SÉCULO VINTE. ELAS SE VESTIAM DE UMA MANEIRA BEM EUROPEIA, JÁ QUE ATÉ ENTÃO O FUTEBOL ERA UM ESPORTE DE ELITE. PORÉM, O SOL DO RIO DE JANEIRO, POR EXEMPLO, NÃO TEM NADA DE EUROPEU E GRAÇAS AO CALOR, O NERVOSISMO E TENSÃO DAS PARTIDAS, AS MOÇAS RETIRAVAM SUAS LUVAS E AS TORCIAM EM SINAL DE PREOCUPAÇÃO - E TAMBÉM PARA EVITAR O SUOR.

ACREDITA-SE QUE O CRIADOR DA EXPRESSÃO “TORCEDORAS” FOI COELHO NETO, CRONISTA E COMPOSITOR DO HINO DO FLUMINENSE. SENDO ISSO VERDADE OU NÃO, É UMA BRILHANTE FORMA DE ABRASILEIRAR O FUTEBOL, JÁ QUE ANTES AS EXPRESSÕES EM INGLÊS DOMINAVAM O VOCABULÁRIO DO ESPORTE. MATCH, CORNER, COACH, PLAYERS. SÃO TODAS

//// BG - MÚSICA "THIS IS CORPORATE"

//// SONORA 1 - ISABELA

PALAVRAS QUE HOJE JÁ ENCONTRARAM SUAS TRADUÇÕES NO PORTUGUÊS. PARTIDA OU JOGO, ESCANTEIO, TREINADOR E JOGADORES. MAS SE TEM UMA COISA QUE É SÓ DE BRASILEIRO, É TORCER!

LARA: PELO PAÍS AFORA, PODEMOS ENCONTRAR MILHARES DE PESSOAS QUE NÃO SABEM EXPLICAR QUANDO COMEÇARAM A ACOMPANHAR FUTEBOL. NA MAIORIA DAS VEZES, QUANDO UM BRASILEIRO NASCE, ELE JÁ TEM UM CLUBE DO CORAÇÃO QUE FOI ESCOLHIDO PELOS PAIS. E MESMO QUE ISSO MUDE NO FUTURO, O FUTEBOL VEM DE BERÇO. ESSE É O CASO DA ISABELA DE MELO, TORCEDORA DO GRÊMIO E CRIADORA DE CONTEÚDO NA INTERNET.

Isabela: Meu pai sempre foi muito colorado, muito colorado. E eu nasci no dia do aniversário do Inter. (...) Então tudo era propício para eu preferir o outro. Aí eu sabia que era o Grêmio, e aí eu falei, não quero ser do Inter, vou ser do Grêmio. E aí foi assim. Eu sou gremista porque eu não gostava do Inter.

LARA: A ISA FOI APRESENTADA AO MUNDO DO FUTEBOL DESDE PEQUENININHA, MESMO QUE FOSSE PRA ASSISTIR O TIME QUE ELA DETESTAVA. ENQUANTO O ÓDIO PELO INTERNACIONAL AUMENTAVA, O AMOR PELO GRÊMIO SEGUIA NA MESMA

//// SONORA 2 - ISABELA

PROPORÇÃO E ELA QUERIA ESTAR CADA VEZ MAIS PRESENTE PARA O TIME DO CORAÇÃO, DENTRO DO ESTÁDIO. E COM ISSO O IMORTAL TRICOLOR SE TORNOU UMA DAS GRANDES PRIORIDADES DA VIDA DELA

Isabela: *E aí o primeiro jogo mesmo que eu fui, foi um Gre-Nal. (...) A partir de lá a gente começou a ir em todos. 18, 19, 20 não foi, 21 também quase nada, só no final do ano. 22, no ano passado, eu fui em todos os jogos do Grêmio na Arena, da série B e do campeonato gaúcho. E esse ano até então, estou indo em todos. Depois da Libertadores ali, eu prometi pra mim mesmo que eu ia em todos. E aí, foi isso.*

LARA: O AMOR PELO CLUBE ULTRAPASSA BARREIRAS FAMILIARES, FAZ O TORCEDOR FAZER LOUCURAS E TAMBÉM O COLOCA EM SITUAÇÕES DIFÍCEIS. O PIOR QUE PODÉ ACONTECER PRA UM CLUBE GRANDE, ACOSTUMADO COM A ELITE, É CAIR PARA A SÉRIE B E OS GREMISTAS VIVERAM ISSO NÃO FAZ MUITO TEMPO NÃO...

//// SONORA 3 - ISABELA

Isabela: *Quando o Grêmio caiu eu tava lá. Foi um jogo bom até, pelo que a gente fez. (...) Foi horrível, não desejo pra ninguém. A não ser pro Inter.*

LARA: A ISABELA É UMA TORCEDORA CONHECIDA NAS REDES SOCIAIS. ELA TEM UMA

//// SONORA 4 - ISABELA

CONTA DE QUASE 30 MIL SEGUIDORES NO TIKTOK, EM QUE ELA PRODUZ CONTEÚDOS RELACIONADOS AO CLUBE DO CORAÇÃO E ÀS IDAS AO ESTÁDIO. E CLARO, POR ELA SER UMA MULHER FALANDO DE FUTEBOL NA INTERNET, SEMPRE TEM OS FISCAIS DE CONHECIMENTO PARA TENTAR INVALIDAR A PRESENÇA DELA NA TORCIDA.

Isabela: Eu postei um vídeo uma vez que era tipo um efeito montando a carreira. Ah, era minha carreira no futebol (...) Tu não precisa provar pra ninguém que tu gosta. Tu precisa provar pro teu time ou provar pra ti que tu gosta. E se tu gosta ponto, se não gosta, acabou. E aí isso me irrita bastante, mas eu também já aprendi a ignorar esse tipo de coisa. Eu faço vídeo fazendo piada sobre isso, eu acho bem engraçado.

LARA: POR MUITO TEMPO, O PAPEL DAS MULHERES NO CONTEXTO DO FUTEBOL ERA APENAS DE SIMPLES INCENTIVADORAS DOS JOGADORES. SE AS MULHERES ESTAVAM NA ARQUIBANCADA, É PORQUE SEU MARIDO, NAMORADO OU IRMÃO ESTAVA JOGANDO. ELAS ERAM CONSIDERADAS PURAMENTE ORNAMENTAIS, FIGURAS QUE ESTAVAM ALI SOMENTE PARA A MANUTENÇÃO DA MASCULINIDADE DOS JOGADORES. MAS ESTA ACABA SENDO UMA ANÁLISE MUITO RASA, PORQUE SE PENSARMOS UM POUCO NA ÉPOCA A QUE NOS REFERIMOS, LÁ NO INÍCIO DO SÉCULO VINTE, QUAL ERA O PAPEL DA MULHER DENTRO DA SOCIEDADE BRASILEIRA?

**//// SOBRE SOM - TORCIDA
ATHLETICO PR.**

AS MULHERES FICAVAM RESERVADAS AO AMBIENTE DOMÉSTICO. NAS APARIÇÕES PÚBLICAS, ERAM SEMPRE RETRATADAS COMO AS ACOMPANHANTES DOS MARIDOS. ELAS NUNCA FORAM AS PROTAGONISTAS DE SUAS HISTÓRIAS, POR ESSE MOTIVO, POUCO SE SABIA DAS VONTADES. HOJE, PORÉM, SABEMOS SIM COMO ELAS SE SENTEM.

Áudio da torcida do Athletico Paranaense cantando muito no estádio.

LARA: MULHERES TORCEDORAS SÃO APAIXONADAS POR SEUS CLUBES. GRITAM COM TODA FORÇA, VIBRAM A CADA LANCE E FAZEM SHOW QUANDO VÃO AOS ESTÁDIOS. Em 2023, DUAS TORCIDAS RIVAIAS MOSTRARAM DE VERDADE A FORÇA DAS MULHERES NAS ARQUIBANCADAS. POR CONTA DE UMA PUNIÇÃO, CORITIBA E ATHLETICO PARANAENSE FORAM PENALIZADOS COM UM E DOIS JOGOS SEM TORCIDA, RESPECTIVAMENTE. OS CLUBES RECORRERAM DA DECISÃO E PROPUSERAM QUE A TORCIDA FOSSE COMPOSTA APENAS POR MULHERES E CRIANÇAS DE ATÉ 12 ANOS.

OS JOGOS EM QUE AS PUNIÇÕES OCORRERAM, MOSTRARAM A FORÇA E A GRANDEZA DAS TORCEDORAS. ELAS MOBILIZARAM BATERIAS SÓ COM MULHERES, ENCHERAM OS ESTÁDIOS, E COM ISSO DEIXARAM UMA GRANDE MARCA PARA A HISTÓRIA. O ATÉ ENTÃO TÉCNICO DO COXA BRANCA,

//// SOBE SOM - ÁUDIO ANTONIO OLIVEIRA

ANTÓNIO OLIVEIRA FALOU SOBRE A FESTA DA MULHERADA NA ARQUIBANCADA DO COUTO PEREIRA.

Treinador enaltece a torcida e diz que foi o estádio mais bonito do mundo

LARA: MAS EU NÃO POSSO DEIXAR DE COMENTAR SOBRE O QUE LEVOU ESSA FESTA DA MULHERADA A ACONTECER, QUE FOI MAIS UM CASO DE VIOLÊNCIA DESENFREADA ENTRE TORCIDAS. OS ESTÁDIOS, INFELIZMENTE, AINDA NÃO SÃO AMBIENTES SEGUROS E MUITAS PESSOAS SE PRIVAM DESSA EXPERIÊNCIA. AS MULHERES AINDA MAIS, POIS EXISTE O MEDO DO ASSÉDIO E DE VIOLÊNCIA FÍSICA E VERBAL. CONFIRA, ENTÃO, A DECLARAÇÃO DE THAISMARA, TORCEDORA DO COXA, EM ENTREVISTA PARA O GLOBO ESPORTE PARANÁ.

//// SOBE SOM - ÁUDIO TORCEDORA CORITIBA

Torcedora diz que em alguns jogos não é possível ir ao estádio.

LARA: É PERIGOSO SER MULHER EM QUALQUER AMBIENTE EM QUE ESTIVERMOS. SEGUNDO O BOLETIM *ELAS VIVEM: DADOS QUE NÃO SE CALAM*, LANÇADO EM MARÇO DE 2023, O BRASIL REGISTROU 2.423 CASOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM 2022. A MAIORIA DESSES CASOS TEM COMO AUTOR COMPANHEIROS E EX-COMPANHEIROS DAS VÍTIMAS. ALÉM DISSO, FOI COMPROVADO POR UMA PESQUISA DO FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA QUE EM DIAS DE JOGOS

//// SOBE SOM - ÁUDIO TORCIDA INGLESA

//// SONORA 5 - ISABELA

DO BRASILEIRÃO, O NÚMERO DE AMEAÇAS CONTRA A MULHER AUMENTA 23,7% EM RELAÇÃO AOS DIAS QUE NÃO TÊM PARTIDAS.

DURANTE A COPA DO MUNDO DE 2022, A ORGANIZAÇÃO BRITÂNICA WOMENS AID FEZ UMA CAMPANHA DE COMBATE À VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER. A PRINCIPAL IMAGEM DESSA CAMPANHA FOI DE UMA BANDEIRA DA INGLATERRA QUE CONTINHA OS DIZERES “HE’S COMING HOME”, ELE ESTÁ VINDO PARA CASA EM TRADUÇÃO LITERAL. ESSA FRASE FAZ REFERÊNCIA A “IT’S COMING HOME”, UM CANTO UTILIZADO PELOS TORCEDORES BRITÂNICOS EM JOGOS DA SUA SELEÇÃO.

Torcedores cantam a música “It’s coming home”

NO TWITTER, A ORGANIZAÇÃO PUBLICOU: ABRE ASPAS “ENQUANTO MUITOS DE NÓS COMEMORAMOS A VITÓRIA DA INGLATERRA ESTA NOITE, LEMBRE-SE, MUITAS MULHERES E CRIANÇAS NÃO SE SENTIRÃO TÃO FELIZES. A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA AUMENTA DURANTE UM GRANDE JOGO. ESTAMOS AQUI PARA LEMBRÁ-LO DE QUE EMOÇÕES INTENSAS E ÁLCOOL NÃO SÃO DESCULPA PARA ABUSO” FECHA ASPAS.

Isabela: Tudo que envolve homem e homem com bebida, não é seguro para mulher. (...) Então tem isso, tipo assim. A gente não tá segura nem nas palavras. Eu me sinto um pedaço de carne lá dentro. Todo mundo olha,

todo mundo... tem sempre alguma falação. Mas graças a Deus nada físico, nada muito grave aconteceu comigo. Mas, não. Não é um lugar seguro.

LARA: CERCA DE UM MÊS APÓS A REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA COM A ISA, NO DIA 17 DE MAIO, UM HOMEM FOI PRESO EM FLAGRANTE POR CRIME DE IMPORTUNAÇÃO SEXUAL CONTRA UMA MENINA DE 13 ANOS, NA ARENA DO GRÊMIO, DURANTE UMA PARTIDA DA COPA DO BRASIL.

O MUNDO EM QUE VIVEMOS NÃO É RECEPTIVO PARA AS MULHERES EM NENHUM ESPAÇO. TEMOS MAIS DIFICULDADE DE CRESCER NO MERCADO DE TRABALHO, TEMOS QUE OUVIR TODOS OS DIAS QUE O NOSSO LUGAR É À BEIRA DO FOGÃO E SEMPRE QUE SAÍMOS DE CASA PENSAMOS EM TODAS AS POSSIBILIDADES EM QUE PODEMOS SOFRER ALGUM TIPO DE VIOLÊNCIA. MAS ISSO NUNCA NOS IMPEDIU DE BATER DE FRENTE COM O MACHISMO E NOS FAZERMOS PRESENTES EM TODAS AS ESFERAS DA SOCIEDADE.

O FUTEBOL É UM DESSES AMBIENTES HIPER MACHISTAS, MAS NOSSA PRESENÇA NELE É ESSENCIAL PARA MUDAR ESSA REALIDADE. ENTÃO, SE VOCÊ GOSTA DO ESPORTE, SE LIGA NO RECADO DA ISABELA.

//// SONORA 6 - ISABELA

Isabela: Assim como todas as coisas que a gente faz na vida, a gente tem que fazer aquilo que a gente gosta. (...) Seja feliz, porque eu adoro. Minha vida é o futebol, meu time é

**//// BG - MÚSICA JEWELLERY
CANNONBALL**

**//// SOBE SOM - MÚSICA
JEWELLERY CANNONBALL**

minha vida. E eu adoro, então eu aconselho a todo mundo ir. Eu tô sempre tentando levar minha mãe e ela “ai, ta bom”. Minha mãe, ela não é muito do estádio, ela gosta de ver de casa. Mas a minha dica é essa, e é isso.

LARA: E CHEGAMOS AO FIM DO ENTRELINHAS. EU ESPERO QUE VOCÊ TENHA GOSTADO DE CONHECER UM POUCO MAIS OS DIFERENTES PAPÉIS QUE AS MULHERES DESEMPENHAM NO MEIO DO FUTEBOL, E ENTENDIDO PORQUE A PRESENÇA DELAS É TÃO IMPORTANTE PARA UMA EVOLUÇÃO NA MENTALIDADE DO ESPORTE.

O ENTRELINHAS É UM PODCAST DESENVOLVIDO COMO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA, DE AUTORIA DE LARA BERNARDES, E ORIENTADO PELO PROFESSOR RICARDO DUARTE.

ESSE EPISÓDIO USOU ÁUDIOS DE CANAL TORCIDAS, TV COXA E GLOBO ESPORTE PARANÁ.

MUITO OBRIGADA PELA AUDIÊNCIA E ATÉ MAIS!